

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE GESTÃO  
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

SÍLLAS DE ANDRADE DIAS

A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS  
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES  
ORGANIZACIONAIS

CARUARU  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE GESTÃO  
ADMINISTRAÇÃO

SÍLLAS DE ANDRADE DIAS

A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS  
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES  
ORGANIZACIONAIS

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em  
Administração, da Universidade Federal de Pernambuco, Centro  
Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para aprovação na  
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. M.Sc. Elielson Oliveira Damascena

CARUARU  
2015

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária - Simone Xavier CRB/4-1242

D541r      Dias, Síllas de Andrade.  
              A representação das pessoas com deficiência nas histórias em quadrinhos e suas  
              possíveis implicações organizacionais. / Síllas de Andrade Dias. - Caruaru: O Autor, 2015.  
              62f. : il.; 30 cm.

              Orientador: Elielson Oliveira Damascena  
              Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de  
              Pernambuco, CAA, Administração, 2015.  
              Inclui referências bibliográficas

              1. Histórias em quadrinhos. 2. Representação social. 3. Deficientes. I. Damascena,  
              Elielson Oliveira. (Orientador). II. Título

658 CDD (23. ed.)  
UFPE (CAA 2015-227)

SÍLLAS DE ANDRADE DIAS

A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS  
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES  
ORGANIZACIONAIS

Este trabalho foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de graduação em  
Administração da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

Caruaru, 30 de julho de 2015

---

Prof. Dr. Cláudio José Montenegro de Albuquerque  
Coordenador do Curso de Administração

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. M.Sc. Elielson Oliveira Damascena  
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste  
Orientador

---

Prof. M.Sc. Luiz Sebastião dos Santos Júnior  
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste  
Examinador

---

M.Sc. Marcela Rebecca Pereira  
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste  
Examinador

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, que me deu o dom da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Elielson Damascena, orientador deste trabalho, pela confiança em mim depositada, pelo auxílio e incentivo inestimável e pela possibilidade de aprender com seu exemplo profissional.

A Jucielma Silva, pelo incomensurável apoio prestado, não apenas durante a construção deste trabalho, mas em todos os momentos desde que passou a fazer parte da minha vida.

Aos meus irmãos e amigos, pelos sinceros gestos de fraternidade e momentos de descontração, que fizeram-me sentir mais tranquilo e confiante.

Aos meu pais, por compreenderem minhas abdicações sociais e terem me permitido chegar aonde cheguei.

Ao Prof. Sandro Valença, pelas singulares contribuições a este trabalho.

A todos que, embora eu não tenha citado aqui, foram importantes para a realização deste trabalho.

## EPÍGRAFE

*“Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”*

– Stan Lee (Benjamin Parker)

## RESUMO

As histórias em quadrinhos são um importante meio de comunicação em massa da sociedade contemporânea e constituem um dos principais produtores de representações sociais. Elas permitem à sociedade obter conhecimento sobre temas importantes, como a deficiência. O presente trabalho objetivou identificar e analisar a representação social dos principais super-heróis e super-vilões com deficiência física apresentados nas histórias em quadrinhos, e as possíveis implicações dessas representações para as organizações. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental dos principais super-heróis e super-vilões com deficiência, e as informações obtidas foram analisadas de acordo com a técnica da análise de conteúdo. Constatou-se que esses personagens retratam as pessoas com deficiência sob uma ótica inclusiva, mostrando que elas são capazes de trabalhar, estudar, se relacionar com outras pessoas e exercer papéis fundamentais na sociedade.

**Palavras-chave:** histórias em quadrinhos; representação social; pessoas com deficiência.



## **ABSTRACT**

Comics are an important form of mass communications in contemporary society and constitute a major producer of social representations. They enable society to acquire knowledge about pivotal issues, like disability. This essay aimed to identify and analyze the social representation of superheroes and supervillains with disabilities presented in comics, and their conceivable implications in organizations. A bibliographic and documentary research about these characters with disabilities was conducted. The information achieved was analyzed in accordance with content analysis techniques. The research ascertained that superheroes and supervillains portray persons with disabilities under an inclusive approach, demonstrating they as perfectly able to work, study, interact with people and play pivotal roles in society.

**Key-words:** comics; social representation; persons with disabilities.

## SUMÁRIO

|                                                                  |               |
|------------------------------------------------------------------|---------------|
| <b>CAPÍTULO 1.....</b>                                           | <b>11</b>     |
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                                       | <b>11</b>     |
| 1.1. PROBLEMA DE PESQUISA.....                                   | 11            |
| 1.2. OBJETIVOS.....                                              | 14            |
| 1.2.1. Objetivo Geral.....                                       | 14            |
| 1.2.2. Objetivos Específicos.....                                | 14            |
| 1.3. JUSTIFICATIVA.....                                          | 15            |
| <br><b>CAPÍTULO 2.....</b>                                       | <br><b>18</b> |
| <b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>                               | <b>18</b>     |
| 2.1. REPRESENTAÇÃO SOCIAL E TEXTOS CULTURAIS.....                | 18            |
| 2.2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....                                | 19            |
| 2.3. REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....    | 23            |
| 2.4. BARREIRAS ATITUDINAIS CONTRA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA .....  | 26            |
| 2.5. PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A RELAÇÃO COM AS ORGANIZAÇÕES ... | 28            |
| <br><b>CAPÍTULO 3.....</b>                                       | <br><b>31</b> |
| <b>3. METODOLOGIA .....</b>                                      | <b>31</b>     |
| 3.1. NATUREZA DA PESQUISA.....                                   | 31            |
| 3.2. COLETA DE DADOS .....                                       | 31            |
| 3.3. ANÁLISE DE DADOS.....                                       | 32            |
| <br><b>CAPÍTULO 4.....</b>                                       | <br><b>33</b> |
| <b>4. RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>                            | <b>33</b>     |
| 4.1. PERSONAGENS DA DC COMICS.....                               | 33            |
| 4.1.1. Doutor Meia-Noite .....                                   | 33            |
| 4.1.2. Exterminador.....                                         | 34            |
| 4.1.3. Ciborgue.....                                             | 36            |
| 4.1.4. Oráculo.....                                              | 37            |

|                                                                                             |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 4.2. PERSONAGENS DA MARVEL COMICS .....                                                     | 39        |
| 4.2.1. Professor Xavier.....                                                                | 39        |
| 4.2.2. Forge .....                                                                          | 40        |
| 4.2.3. Artie Maddicks.....                                                                  | 41        |
| 4.2.4. Karma.....                                                                           | 42        |
| 4.2.5. Sina .....                                                                           | 43        |
| 4.2.6. Lagarto .....                                                                        | 44        |
| 4.2.7. Demolidor .....                                                                      | 46        |
| 4.2.8. Eco .....                                                                            | 47        |
| 4.3. IMPLICAÇÕES ORGANIZACIONAIS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS<br>PERSONAGENS ABORDADOS ..... | 48        |
| <br><b>CAPÍTULO 5.....</b>                                                                  | <b>51</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                        | <b>51</b> |
| <br><b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                | <b>54</b> |
| <br><b>APÊNDICE A .....</b>                                                                 | <b>61</b> |

## CAPÍTULO 1

### 1. INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta o problema de pesquisa do presente trabalho, sua questão norteadora e seus objetivos – geral e específicos –, bem como sua justificativa.

#### 1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Podemos entender muito sobre as sociedades ao longo da história analisando o conceito que o “corpo” possuiu em cada uma delas. Rodrigues (1979) afirma que “(...) o corpo humano é socialmente concebido e a análise da representação social do corpo oferece umas das numerosas vias de acesso a estrutura de uma sociedade particular” (RODRIGUES, 1979, p. 44).

Os gregos valorizavam o corpo pela sua saúde e capacidade atlética. O corpo masculino trabalhado e construído era fonte de admiração, sendo exibido sem vestes nos ginásios e parcialmente exposto na cidade. Além da valorização pelo enfoque estético, o corpo trabalhado também era admirado pela capacidade de combate (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Nas obras de Homero, Aquiles – a exemplo do perfil de herói grego –, é apresentado como indivíduo dotado de um corpo delineado que o distingue dos demais homens comuns, tendo sua beleza comparada a dos deuses. Tersistes, um orador que não se encaixa no perfil do guerreiro-herói, é apresentado como um indivíduo coxo, das pernas tortas e com os ombros encurvados e dobrados sobre o peito – um homem feio. O corpo funciona como uma representação direta da posição social do homem na sociedade grega descrita por Homero (VIEGAS, 2008).

A figura do herói na Grécia antiga, cujo corpo era tido como perfeito, exercia e sofria considerável influência nessa sociedade. Essa afirmação vai de acordo com o entendimento de Foucault (1978) de que o corpo seria o *locus* privilegiado de ação do poder e do controle social.

Na Idade Média, o corpo continuou a servir como instrumento de consolidação das relações sociais; características físicas, associadas ao vínculo que uma pessoa mantinha com a terra, eram consideradas fator peremptório na distribuição das funções sociais. No entanto, a preocupação com o corpo passou a ocupar um plano secundário na sociedade com a ascensão do cristianismo, prevalecendo a força do conceito de alma. A busca espiritual pela salvação triunfava (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Nos dias de hoje, os meios de comunicação em massa ajudam a transmitir a imagem do corpo ideal, que se assemelha em alguns aspectos ao padrão grego, porém em uma escala muito superior. Surgiu uma necessidade de se encaixar nos padrões estéticos que a sociedade dita e que a mídia difunde como nunca foi feito, graças aos meios de comunicação em massa. Cada parte do corpo pode ser melhorada, tornando-se potencial alvo de consumo e de tratamento (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

O processo de globalização tem influenciado na institucionalização de padrões de beleza e estética corporal que passam a vigorar entre homens e mulheres. Os meios de comunicação em massa, como os jornais, revistas e a televisão, têm se constituído como agentes disseminadores desses padrões de beleza e estética corporal. Transmite-se a mensagem de que as pessoas devem ter rostos simétricos e um corpo magro e bem trabalhado, intimando as pessoas a recorrerem a dietas e exercícios físicos para se encaixar no novo padrão de estética (BONETTI, 1998).

Na sociedade pós-moderna, possuir um corpo bonito, jovem e atraente se tornou um fator necessário à sobrevivência na sociedade. Ter um corpo dentro dos padrões atuais se tornou um tipo de norma a ser obedecida, passiva de culpabilização para aqueles que não se entregam a esse fim. A felicidade desejada passa pela condição corporal das pessoas (MAROUN; VIEIRA, 2008).

Dentro desse sentido, pode-se afirmar que existe uma forma de normalidade estética na sociedade (MATOS, 2004). Embora a normalidade estética tenha alcançado seu mais alto patamar na sociedade pós-moderna, sempre houveram padrões pré-definidos sobre o que seria considerado como normal para o ser humano.

Para Ribas (2003), o indivíduo considerado como “normal” é aquele que está de acordo com os padrões de beleza e estética voltados para um corpo bem-formado estruturalmente. O autor apresenta um enfoque um pouco diferente acerca da normalidade, não se prendendo apenas a estética propriamente dita do corpo, mas abrangendo também o fator funcional. É com base nessa abordagem que a figura da pessoa com deficiência será apresentada no presente trabalho.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012), estima-se que mais de um bilhão de pessoas vivam com alguma forma de deficiência, algo próximo de 15% da população mundial. No Brasil, essas pessoas representam aproximadamente 24% da população, o que representa mais de 45 milhões de pessoas com deficiência. Dessas, quase 16 milhões têm deficiência grave ou gravíssima (IBGE, 2010).

Carvalho (2007, p. 43) assevera que do ponto de vista social,

(...) o termo “deficiente” é atribuído aos membros de uma sociedade que apresentam alguma forma de ‘anormalidade’ ou de ‘diferenciação’ perante os demais, quer no domínio cognitivo, afetivo ou motor e tem sido objeto de críticas e discussões entre os profissionais que lidam com os indivíduos assim designados. O debate em torno desta denominação tem como preocupação fundamental evitar a rotulação do ser humano ou a estigmatização que advém dos desqualitativos, como: anormal e incapaz.

Pessoas com deficiência são retratadas em textos culturais desde a antiguidade. Na Grécia antiga, essas pessoas não eram vistas com bons olhos pelo restante da sociedade. Esse fato pode ser observado ao se analisar a forma como as pessoas com deficiência eram representadas. Um bom exemplo disso é o já citado caso de Tersistes, tratado com repúdio na obra de Homero.

Na Idade Média, a forma como as pessoas com deficiência eram tratadas variava de grupo para grupo. Alguns grupos puniam e até matavam aquelas pessoas, pois julgavam a deficiência como resultante de possessão demoníaca. Já outros grupos enxergavam as pessoas com deficiência como possuidoras de uma alma e, portanto, dispunham-se a alimentar e dar abrigo a elas (ARANHA, 2001).

No século XVIII, com a consolidação do conhecimento científico, a ciência passa a ser a responsável por explicar o funcionamento do corpo (FRANÇA, 2014). As barreiras que as pessoas com deficiência têm que enfrentar na sociedade, no entanto, não tiveram fim com o advento desse conhecimento.

No século XX, são criadas instituições especializadas no atendimento das pessoas com deficiência e programas de reabilitação. Organizações intergovernamentais, como a Organização Mundial da Saúde, a Organização Internacional do Trabalho e a Organização das Nações Unidas, passam a apoiar a equiparação de oportunidades para pessoas com deficiência. No Brasil, com o surgimento da Lei de Cotas, a inserção das pessoas com deficiência no mercado de trabalho ganha força de lei e passa a ser uma questão relevante para o campo organizacional (CARVALHO-FREITAS, 2007).

Embora a questão da deficiência esteja ganhando cada vez mais espaço na sociedade, muitas pessoas têm pouquíssimo ou nenhum contato com pessoas com deficiência e acabam adquirindo conhecimento sobre essa questão através de textos culturais (HARRIS, 2002). É nesse ponto onde pode-se perceber a importância do estudo sobre pessoas com deficiência através desses textos.

As pessoas com deficiência têm sido retratadas em vários tipos de textos culturais como filmes, seriados e telenovelas. No entanto, um tipo é especialmente relevante para este trabalho: as histórias em quadrinhos. A importância desse meio de comunicação em massa “(...) vem crescendo devido à abrangência destas obras, que apresentam questões culturais e sociais em mundos fantásticos, refletindo e interferem no imaginário social” (DALBETO; OLIVEIRA, 2014, p. 60). Dentre os personagens presentes nas histórias em quadrinhos, os seres superpoderosos – sejam eles heróis ou vilões – destacam-se por suas habilidades e poderes.

É nesse contexto fantástico apresentado pelas histórias em quadrinhos, em que “humanos normais” são muitas vezes colocados em segundo plano, que os super-heróis e super-vilões com deficiência se apresentam.

O problema da pesquisa funda-se na seguinte questão: Qual a representação social das pessoas com deficiência trazida pelos personagens com superpoderes apresentados nas histórias em quadrinhos da Marvel e da DC e quais as possíveis implicações dessa representação para as organizações?

## 1.2. OBJETIVOS

Delineia-se nas subseções seguintes o objetivo geral deste trabalho, juntamente dos objetivos específicos.

### 1.2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é identificar e analisar a representação social dos principais super-heróis e super-vilões com deficiência física apresentados nas histórias em quadrinhos, e suas possíveis implicações no campo organizacional.

### 1.2.2. Objetivos Específicos

- Identificar e caracterizar os principais personagens com superpoderes que apresentam alguma deficiência física;
- Analisar a relação dessas representações sociais com as barreiras atitudinais enfrentadas por pessoas com deficiência;
- Discutir as implicações dessas representações sociais para o contexto organizacional.

### 1.3. JUSTIFICATIVA

Segundo Roso *et al* (2002, p. 77), minorias podem ser definidas como “(...) segmentos das sociedades que possuem traços culturais ou físicos específicos que são desvalorizados e não inseridos na cultura da maioria, gerando um processo de exclusão e discriminação”. A exemplo de grupos pertencentes a essa classificação, podemos citar as pessoas com deficiência.

Embora muitas pessoas conheçam pouquíssimo sobre a realidade das pessoas com deficiência (HARRIS, 2002), é inegável que essa “minorias” representa uma parcela significativa da população brasileira (SANTOS, 2008).

A temática da deficiência entrou na agenda internacional graças a proposição da Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, aprovada pela Organização das Nações Unidas em 1975. Desde então, políticas nacionais de inclusão da pessoa com deficiência ao mercado de trabalho vem sendo adotadas em vários países (RIBEIRO; CARNEIRO, 2009).

No Brasil, com o surgimento da Lei nº 8.213, de julho de 1991, conhecida como Lei de Cotas, a inserção dessa parcela da população no mercado de trabalho tornou-se compulsória e consequentemente relevante para o campo organizacional (CARVALHO-FREITAS, 2007). A Lei de Cotas instituiu a política nacional de cotas empregatícias para pessoas com deficiência. Toda empresa com 100 empregados ou mais deve reservar vagas de trabalho a serem preenchidas obrigatoriamente por pessoas com deficiência. A não observância desse preceito legal é considerada prática discriminatória proibida pela Constituição Federal de 1988 (RIBEIRO; CARNEIRO, 2009).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), aproximadamente 44,5% (20,3 milhões) da população composta por pessoas com deficiência possuem alguma ocupação. Dentre as pessoas com alguma deficiência que possuem alguma ocupação, 40,2% eram empregadas com carteira assinada, enquanto 49,2% das pessoas sem deficiência que possuem alguma ocupação eram empregadas com carteira assinada. A situação de desigualdade também se estende ao rendimento mensal das pessoas com deficiência, que recebem um rendimento médio inferior às pessoas sem deficiência. A desigualdade é mais acentuada quando se analisa rendimentos de até um salário mínimo (IBGE, 2010).

Embora a situação das pessoas com deficiência seja marcada pela desigualdade, em relação às pessoas sem deficiência, muitas daquelas possuem alguma ocupação e, portanto, renda. Com base nessa premissa, verifica-se a importância de estudar essas pessoas no papel de consumidoras. Faria e Casotti (2014) argumentam que a exclusão das pessoas com deficiência



do papel de consumidoras é mais uma das facetas da exclusão social sofrida por elas. Faria e Silva (2011) corroboram com esse argumento ao constatar que a sociedade e, por conseguinte, as organizações, não consideram esse grupo de pessoas como potenciais consumidores.

Textos culturais, tais como seriados, filmes, telenovelas e histórias em quadrinhos, são importantes fontes de informação para a sociedade em geral (HIRSCHMAN; STERN, 1994). É através desse tipo de texto que muitas pessoas adquirem seu conhecimento a respeito das pessoas com deficiência (HARRIS, 2002). Ainda assim, esses textos configuram possibilidades pouco exploradas em pesquisas acerca do comportamento da pessoa com deficiência como consumidora (FARIA; CASOTTI, 2014). Dessa forma, o estudo de questões relacionadas às pessoas com deficiência através de textos culturais mostra-se de grande relevância.

As histórias em quadrinhos, segundo Vergueiro (2004), são um meio de comunicação em massa – por serem veiculadas em larga escala, após o surgimento e a evolução da tipografia – de grande penetração popular. Elas sempre trouxeram para dentro de suas páginas a discussão sobre a diferença e foram as pioneiras em trazer tal discussão para os meios de comunicação em massa (WESCHENFELDER; COLLING, 2011). Essa capacidade de penetração e preocupação em abordar a diferença torna as histórias em quadrinhos especialmente importantes como ferramenta de aquisição de conhecimento sobre temas importantes como a deficiência.

Atualmente, as histórias em quadrinhos têm influenciado outros meios de comunicação em massa de forma bastante expressiva, a exemplo do cinema e da televisão. Filmes e séries baseados ou adaptados de quadrinhos têm agradado inúmeros fãs e se tornado sucessos de audiência.

Os meios de comunicação em massa constituem, na sociedade contemporânea, um dos principais produtores de representações sociais (PORTO, 2009). Alexandre (2001), defende a importância de se estudar as representações sociais nesses meios de comunicação devido aos seus efeitos em grupos sociais minoritários.

Mick (2006) aponta para a importância do estudo dos temas relacionados ao bem-estar do consumidor na sociedade atual, especialmente os temas com orientações mais práticas, como a pesquisa transformativa do consumidor. Por pesquisa transformativa, o autor se refere às investigações que são direcionadas por um problema fundamental, e que procura respeitar, preservar e melhorar a vida em relação às incontáveis condições, demandas e efeitos do consumo. Ela aborda tópicos de pesquisa considerados urgentes, dentre os quais se destaca para este trabalho os grupos vulneráveis de consumo, em especial, as pessoas com deficiência. A importância do estudo de tais grupos de consumo se justifica na necessidade de aplicar o

conhecimento acadêmico de maneira a melhorar o bem-estar do consumidor, bem como a qualidade de vida das pessoas.

Com base nas informações citadas nesta seção do trabalho, pode-se perceber a relevância do estudo da representação social das pessoas com deficiências em textos culturais, mais especificamente em histórias em quadrinhos.

## CAPÍTULO 2

### 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo será exposta uma breve apresentação de alguns conceitos ponderados como fundamentais para a compreensão do assunto tratado no presente trabalho. Tratar-se-á sobre textos culturais e sua influência na formação de representações sociais, sobre as histórias em quadrinhos, a representação social da pessoa com deficiência e as barreiras atitudinais contra essas pessoas e a relação delas com as organizações.

#### 2.1. REPRESENTAÇÃO SOCIAL E TEXTOS CULTURAIS

Segundo Duveen (2007), a transição para a modernidade foi caracterizada pelo advento da comunicação em massa, que gerou novas possibilidades para a circulação de ideias, ao mesmo tempo que trouxe grupos sociais mais amplos para o processo de produção social de conhecimento do senso comum. Ainda discorrendo sobre a influência da comunicação no processo de construção de conhecimento do senso comum, o autor afirma que “(...) as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (DUVEEN, 2007, p. 8)

As informações que as pessoas comuns – aquelas sem o benefício dos instrumentos científicos – obtém a partir dos meios de comunicação em massa são distorcidas por representações impostas pela sociedade. Essas representações sociais possibilitam que diversos elementos que nos cercam possam ser entendidos – nem sempre da forma mais adequada (MOSCOVICI, 2007).

Para Jodelet (1986) e Moscovici (1978), citado por Goetz *et al* (2008, p. 226-227),

(...) as representações sociais são formas de conhecimento do mundo, construídas a partir do agrupamento de conjuntos de significados que permitem dar sentido aos fatos novos ou desconhecidos, formando um saber compartilhado, geral e funcional para as pessoas, chamado de senso comum. Portanto, as representações sociais são um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no decurso de comunicações interindividuais.

Pelo fato das representações sociais serem socialmente elaboradas e compartilhadas, elas contribuem para a construção de uma realidade comum, o que possibilita a comunicação

(SPINK, 1993). Os meios de comunicação em massa são instrumentos essenciais no desenvolvimento do contexto atual, pois lidam com a produção e disseminação de representações sociais que embasam a compreensão que os grupos têm de si mesmos e de outrem (ALEXANDRE, 2001).

Textos culturais são quaisquer elementos que manifestam significados culturais. Além de importantes fontes de informação sobre cultura e perspectivas vigentes, esses textos se configuram como ferramentas capazes de modificar crenças e valores da sociedade que os produz e consome. Os textos culturais ainda apresentam uma forte influência na representação das pessoas, no seu papel e no seu lugar na sociedade (HIRSCHMAN; STERN, 1994).

Ao se analisar essa capacidade transformadora dos textos culturais, pode-se dizer que estes são considerados instrumentos que contribuem na formação da imagem e consequentemente dos estereótipos que a população possui a respeito de um assunto (SANTOS; GOMES; FARIA, 2014). Considerações estereotipadas sobre pessoas com deficiência são fundamentadas em superstições, mitos e crenças concebidas durante os séculos. Essas considerações persistiram ao longo dos séculos devido à sua constante reprodução por meio dos meios de comunicação midiáticos (BARNES, 1992).

Nesse ponto, é relevante discorrer sobre um meio de comunicação em massa que tem se destacado na atualidade – devido a influência que ele tem exercido sobre os outros – e que tem apresentado um leque abrangente de representações sociais: as histórias em quadrinhos.

## 2.2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Não há um consenso quanto a origem das histórias em quadrinhos. Scott McCloud, em seu livro “Desvendando os Quadrinhos”, apresenta o que seriam quadrinhos arcaicos na América pré-colombiana, na França medieval e no antigo Egito. Entretanto, os quadrinhos modernos teriam surgido em meados do século XIX, como criação de Rodolphe Töpffer, que apresentou a primeira combinação interdependente de palavras e figuras (MCCLOUD, 1995).

Outros autores sugerem que as histórias em quadrinhos surgiram no ano de 1896, com a obra “*The Yellow Kid*”, de Richard Fenton Outcalt. Nas primeiras décadas do século XX, o conteúdo dos quadrinhos era basicamente humorístico, por essa razão, as histórias em quadrinhos receberam a denominação de *comics*. O avanço da imprensa, da tecnologia e dos novos meios de impressão foram fundamentais para o desenvolvimento desse meio de comunicação em massa (JARCEM, 2007; SIMÕES; NOLASCO, 2010).

A história das histórias em quadrinhos pode ser dividida em quatro grandes eras: a Era de Ouro, a Era de Prata, a Era de Bronze e a Era Moderna. A quebra da Bolsa de Valores dos Estados Unidos, em 1929, marcou a história dos quadrinhos e deu início à Era de Ouro. Três gêneros principais eram produzidos: a ficção científica, o policial e as aventuras na selva. O primeiro herói uniformizado, o Fantasma, escrito por Lee Falk e desenhado por Ray Moore, surgiu nessa época (JARCEM, 2007; SIMÕES; NOLASCO, 2010).

No ano de 1938, foi lançado o primeiro super-herói que possuía identidade secreta, Superman, de Siegel e Shuster, que por muitos é considerado o personagem que marca o início da Era de Ouro. No ano seguinte, a Segunda Guerra Mundial foi deflagrada e os quadrinhos logo despertaram interesses políticos (JARCEM, 2007).

A Imagem 2.1 apresenta um trecho da primeira edição da revista *Action Comics*, que trouxe em suas páginas a primeira história do Superman. Na imagem, o super-herói utiliza sua força sobre-humana para arremessar um homem que agredia a esposa.

Imagem 2.1: Superman arremessa um homem que estava agredindo a esposa.



Fonte: *Action Comics* (1938).

Devido à alta receptividade das histórias em quadrinhos pelos norte-americanos, muitos personagens dessas histórias foram utilizados para realizar propaganda de guerra (SIMÕES; NOLASCO, 2010). A interferência do governo norte-americano, que na época se deparava com a Segunda Guerra Mundial “(...) mostra como os *comics* chamaram atenção das autoridades que perceberam o fascínio e a preocupação de seu poder como comunicação de massa” (JARCEM, 2007, p. 4).

Diferente de outros personagens que foram “recrutados” de suas histórias para se juntar aos Estados Unidos na guerra, o Capitão América, de Jack Kirby e Joe Simon, foi criado especialmente para servir como ícone do período de guerra e, ainda em sua primeira edição, aparece lutando contra o próprio Adolf Hitler (BUZZONI; PEDRO, 2013; JARCEM, 2007; SIMÕES; NOLASCO, 2010).

Imagem 2.2: Capa da primeira história em quadrinhos do Capitão América.



Fonte: *Captain America* (1941).

Primeira super-heroína das histórias em quadrinhos, a Mulher Maravilha surgiu no início da década de 1940, criada pelo psicólogo e ativista do movimento feminista William Moulton Marston (NOGUEIRA, 2010; WESCHENFELDER; COLLING, 2011). A Segunda Guerra Mundial ainda despontava quando a Mulher Maravilha foi criada, e ela logo passou a representar “(...) a força das mulheres norte-americanas, que deveriam trabalhar para que seu país se mantivesse firme e unido, enquanto os homens lutavam na guerra contra os nazistas e em nome da liberdade” (NOGUEIRA, 2010, p. 5).

Durante o período em que a Segunda Guerra Mundial se desencadeou, foram criados aproximadamente quatrocentos super-heróis, mas nem todos sobreviveriam editorialmente. Dois dos heróis criados nesse período merecem destaque: o Batman, criado em 1939 por Bob Kane, cuja fama chegaria a ultrapassar a do Superman na década de 1980, e o Capitão Marvel, de C. C. Beck, um garoto que ganhava superpoderes ao falar uma palavra mágica (JARCEM, 2007). As histórias em quadrinhos evoluíram, expandindo suas fronteiras e tornando-se um meio de comunicação em massa (SIMÕES; NOLASCO, 2010).

Com o fim da guerra, a venda de histórias em quadrinhos despencou. A fim de solucionar esse problema, as editoras começaram a diversificar suas histórias em quadrinhos e novos gêneros foram criados, como o terror, o romance e o velho oeste (RUSSELL, 2013).

Nos anos 50 os quadrinhos foram alvo da maior caça às bruxas que já aconteceu por este meio de comunicação de massa. O psiquiatra Frederic Wertham escreveu um livro, *A Sedução do Inocente* (*The Seduction of the Innocent*), onde ele acusava os quadrinhos de corrupção e delinquência juvenis. Nas 400 páginas de sua obra, o psiquiatra alemão esmiuçou suas idéias sobre o “verdadeiro intento subversivo” por trás dos quadrinhos. Dentre as hipóteses do tratado, havia a de que a Mulher Maravilha representava idéias sadomasoquistas e a da homossexualidade da dupla Batman & Robin (JARCEM, 2007, p. 5-6).

A obra de Wertham causou tamanha influência que foi criado um código de ética para controlar o que poderia ou não aparecer nas páginas das histórias em quadrinhos. Foi nessa época de censura que Charles M. Schulz lançou *Peanuts*, uma tira de jornal aparentemente inocente, mas que marcou o início da era intelectual dos quadrinhos, onde o texto passou a ser mais valorizado que as imagens (JARCEM, 2007).

Na década de 1960, teve início a Era de Prata das histórias em quadrinhos. A editora DC Comics se destacou com a Liga da Justiça, história em quadrinhos que “(...) trazia histórias de uma ordem de heróis de boa índole, com um caráter utópico e combatente de qualquer mau, ou seja, essa história em quadrinhos era um bom exemplo de como seguir à risca o Código de Ética” (SIMÕES; NOLASCO, 2010, P. 68).

Diante do sucesso da DC Comics, a editora Marvel Comics pediu a Stan Lee e Jack Kirby que criassem uma equipe de super-heróis capaz de fazer frente à Liga da Justiça. Os autores, então, criaram o Quarteto Fantástico, formado por uma família de super-heróis que não possuíam identidades secretas. Numa época onde a Guerra Fria chegava ao seu auge, com a chegada do primeiro cosmonauta soviético ao espaço, o Quarteto Fantástico representava a posição dos Estados Unidos frente a corrida espacial (JARCEM, 2007).

Em 1963, a Marvel lançou a história dos X-Men, que retratava uma minoria social nascida com uma anomalia genética que lhes conferia poderes especiais. Os chamados “mutantes”, portadores de tal anomalia genética, sofriam discriminação por sua condição diferenciada – uma metáfora à discriminação enfrentada por vários grupos sociais no mundo real. (DALBETO; OLIVEIRA, 2014).

A Era de Prata dos quadrinhos é seguida pela Era de Bronze, que durou dos anos 1970 até a metade da década seguinte (RUSSELL, 2013). A década de 1970 foi marcada pelo surgimento dos quadrinhos Underground, que eram vendidos de mão em mão a fim de fugir da censura imposta aos quadrinhos. A censura perdia força gradativamente, o que influenciaria no estilo que os quadrinhos assumiriam na década seguinte (JARCEM, 2007; SIMÕES; NOLASCO, 2010).

A Era Moderna se iniciou na segunda metade da década de 1980 e continua até os dias atuais (RUSSELL, 2013). Com a censura em baixa, as editoras puderam investir em histórias em quadrinhos voltados para o público adulto, como o Cavaleiro das Trevas, de Frank Miller, que trazia uma versão mais sombria, violenta e amargurada do Batman – a série foi um sucesso de vendas. Logo, outras histórias com teor mais adulto começaram a surgir; seus personagens eram mais humanos, passíveis de cometer erros e algumas vezes possuíam caráter duvidoso (JARCEM, 2007; SIMÕES; NOLASCO, 2010).

Os avanços tecnológicos propiciaram às histórias em quadrinhos transcender suas páginas e chegar às telas dos cinemas. Clássicos dos quadrinhos de todas as épocas têm ganhado versões cinematográficas e propagado cada vez mais esse meio de comunicação em massa (JARCEM, 2007; SIMÕES; NOLASCO, 2010).

A próxima seção apresenta uma retrospectiva histórica da forma como a pessoa com deficiência foi representada pela sociedade, bem como a evolução dessa representação.

### 2.3. REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Atualmente, a concepção de que a Grécia é o berço da civilização ocidental é amplamente difundida. Na sociedade grega, o guerreiro era apresentado como sua figura central, em virtude da dinâmica militarista da época – sendo a busca por escravos apontada como a razão central dessa dinâmica. Em consequência disso, o corpo e sua condição física eram elementos de grande importância (FRANÇA, 2014).

As pessoas com deficiência não se encaixavam nos padrões estéticos exigidos pela sociedade grega, visto que não possuíam a mesma capacidade atlética, e por essa razão eram



considerados elementos indesejáveis (BARNES, 1997). Na cidade-estado de Esparta, “(...) os imaturos, os fracos e os defeituosos eram propositalmente eliminados. Consta que os romanos descartavam-se de crianças deformadas e indesejadas em esgotos localizados, ironicamente, no lado externo do Templo da Piedade” (ARANHA, 2001, p. 161).

Através de suas narrativas mitológicas, as crenças da civilização grega apresentam indícios precisos da situação da pessoa com deficiência em tal contexto (FRANÇA, 2014). O deus do fogo, Hefesto, filho de Zeus e Hera, nasceu coxo. Sua mãe, envergonhada de sua cria, sentiu raiva e precipitou-o do topo do Olimpo. Hefesto foi encontrado por um anão, que o ensinou a arte de trabalhar o ferro, o bronze e os metais preciosos por nove anos, antes de retornar ao Olimpo (MEUNIER, 1976). Nem mesmo uma divindade estava livre do estigma trazido junto à deficiência.

Outro exemplo marcante da forma como as pessoas com deficiência eram representadas na mitologia grega é o do adivinho Tirésias, que aparece em diversas histórias, como a de Édipo e a de Ulisses. Tirésias andava próximo a uma fonte e ali decidira matar a sede, mas, para seu infortúnio, a deusa Atena banhava-se no mesmo local. Ao vê-la despida, teve como castigo a perda da visão – tal castigo foi amenizado ao ganhar o dom da adivinhação (MEUNIER, 1976).

Na Idade Média, com o fortalecimento do cristianismo, a abordagem em relação às pessoas com deficiência variava de grupo para grupo. Alguns indivíduos fundamentavam-se no preceito de que todas as pessoas possuíam almas e eram igualmente consideradas filhas de Deus e, por esse motivo, eram merecedoras de tratamento caridoso; outros defendiam que a deficiência seria resultado do pecado ou de possessão demoníaca, sendo a punição – e às vezes até a morte – a única forma de redimir-se do pecado ou livrar-se do mal que lhes possuía (ARANHA, 2001).

Lima, Guedes e Guedes (2010) argumentam que, com base na concepção presunçosa de que as pessoas com deficiência nasciam de tal maneira por desígnio divino, “(...) nem se pensava em lhes oferecer meios de acesso à educação mais básica, menos ainda ao conhecimento científico. Assim, as pessoas com deficiência ficaram à margem da sociedade, isto é, asiladas e exiladas socialmente em instituições ou longe dos ambientes sociais” (LIMA; GUEDES; GUEDES, 2010, p. 2). A condição de mendicância era comum entre pessoas com deficiência na Europa, o que gerou associação entre essas duas condições (LOPES *et al*, 1995).

Durante muito tempo, as pessoas com deficiência continuaram a ser consideradas como incapazes de aprender e de manifestar conhecimento (LIMA; GUEDES; GUEDES, 2010), situação que somente começou a se alterar com o advento do conhecimento científico, no século XVIII.

No século XIX, os veteranos de guerra que haviam adquirido alguma deficiência em função de seu trabalho, ficavam à mercê da caridade alheia (LOPES *et al*, 1995). Essa situação, no entanto, passou a alterar-se com o fim da Segunda Guerra Mundial. A falta de mão-de-obra no mercado, somada a valoração dos veteranos de guerra por parte da sociedade – devido ao esforço realizado no conflito que acabara de se encerrar – propiciaram o início das mudanças do status das pessoas com deficiência, sendo uma referência do início da legalização do direito ao trabalho (CARVALHO-FREITAS, 2007).

Várias instituições especializadas no atendimento das pessoas com deficiência e programas de reabilitação são criadas no século XX. Organizações intergovernamentais como a Organização Mundial da Saúde, a Organização Internacional do Trabalho e a Organização das Nações Unidas passam a apoiar a equiparação de oportunidades para pessoas com deficiência (CARVALHO-FREITAS, 2007).

No Brasil, a partir da década de 1970, houve uma expansão notável na preocupação com o atendimento educacional às crianças com deficiência nos serviços públicos, criando-se classes especiais na rede pública de ensino. Entretanto, começaram a surgir muitas críticas em relação a práticas altamente segregativas que estavam acontecendo no atendimento educacional às crianças com deficiência. Muitas dessas crianças poderiam estar estudando em classes regulares, o que, de fato, as levaria a serem inseridas na sociedade, mas isso não estava acontecendo. Classes destinadas às crianças com deficiências não estavam inserindo-as na sociedade – elas apenas reproduziam as exclusões que ocorrem na sociedade. Nesse contexto, o conceito de inclusão se apresenta como um avanço em relação à integração, ressaltando que a atenção deve estar voltada para o ambiente, e não mais para a pessoa com deficiência (OMOTE, 1999).

A inclusão parte de uma perspectiva social que “(...) contempla o uno e o múltiplo no processo de desenvolvimento humano rompendo com a idéia de homogeneidade e uniformização adotando práticas sociais e políticas em que as diferenças sejam entendidas como inerentes a vivência humana” (CARVALHO, 2007, p. 79).

Na década de 1970, começou a surgir uma preocupação em alterar-se os termos até então utilizados para referir-se às pessoas com deficiência. Chegava-se a conclusão de que os termos vigentes poderiam estar equivocados, ser enviesados por concepções ideológicas, ou ainda poderiam ser palavras mal-acabadas. Surgiu a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, em 9 de dezembro de 1975, que tinha, em partes, o objetivo de tentar precisar melhor os termos utilizados para referir-se às pessoas com deficiências e consequentemente sua imagem (RIBAS, 2003).

Em seu artigo 1, a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes proclama:

O termo “pessoas deficientes” refere-se a qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência, congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais (ONU, 1975, p. 1).

Segundo Sassaki (2003), o termo “pessoas com deficiência” passou a ser o preferido por um número cada vez maior de adeptos, dos quais boa parte é constituída por pessoas com deficiência. Esse termo representa um avanço em relação ao termo proposto pela Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, por ter melhorado a imagem das pessoas com deficiência e, portanto, reduzido a propagação de barreiras a essas pessoas.

Carvalho (2007, p. 45) assevera que o cuidado no emprego de termos e expressões referentes às pessoas com deficiência “(...) não configuram preciosismo lingüístico, mas uma necessidade que se impõe para a remoção de barreiras atitudinais, decorrentes de juízos equivocados sobre a capacidade e as aptidões das pessoas com deficiência”.

#### 2.4. BARREIRAS ATITUDINAIS CONTRA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O ambiente físico e social impõe diversas barreiras ante as pessoas com deficiência. Guedes (2007) entende essas barreiras como os fatores que impossibilitam, parcial ou totalmente, a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. Há relativa discordância concernente à classificação dessas barreiras (CARVALHO, 2007; CASTRO; ALMEIDA, 2014; DISCHINGER; MACHADO, 2006; GUEDES, 2007; VIVARTA, 2003), no entanto, um dos termos empregados na literatura é recorrente e especialmente importante para o desenvolvimento deste trabalho: barreiras atitudinais.

“As barreiras atitudinais são aquelas estabelecidas na esfera social, em que as relações humanas centram-se nas restrições dos indivíduos e não em suas habilidades” (DISCHINGER; MACHADO, 2006, p. 36). Segundo Guedes (2007), as barreiras atitudinais são capazes de excluir as pessoas com deficiência dos processos que promovem acesso à escolarização, à empregabilidade, ao lazer, à informação, à cultura e aos demais sistemas sociais. Essas barreiras são “(...) oriundas das atitudes das pessoas diante da deficiência como consequência da falta de informação e do preconceito, o que acaba resultando em discriminação e mais preconceito” (CASTRO; ALMEIDA, 2014, p. 184).

Muitas das barreiras atitudinais que estão enraizadas na sociedade surgiram a partir de um entendimento histórico preconceituoso e repleto de estereótipos negativos sobre as pessoas com deficiência. Essas barreiras, por conseguinte, partem de uma predisposição negativa relacionada às pessoas com deficiência, sendo sua manifestação a grande responsável pela exclusão social dessas pessoas (LIMA; GUEDES; GUEDES, 2010) e por vezes, nutriram nelas a crença descabida de que são incapazes (LIMA; SILVA, 2008).

Segundo Lima e Silva (2008), há várias formas pelas quais as barreiras atitudinais podem apresentar-se. Essas formas estão resumidas a seguir, no Quadro 2.1.

Quadro 2.1: Formas pelas quais as barreiras atitudinais podem apresentar-se

|                                       |                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ignorância                            | Desconhecer a potencialidade da pessoa com deficiência.                                                                                                                                                                                    |
| Medo                                  | Ter medo de interagir com uma pessoa com deficiência por medo de “fazer ou dizer a coisa errada”.                                                                                                                                          |
| Rejeição                              | Recusar-se a interagir com uma pessoa com deficiência.                                                                                                                                                                                     |
| Percepção de menos-valia              | Avaliação depreciativa da capacidade da pessoa com deficiência de realizar determinadas tarefas.                                                                                                                                           |
| Inferioridade                         | Acreditar que a pessoa com deficiência é inferior às demais, não tendo às mesmas capacidades cognitivas.                                                                                                                                   |
| Piedade                               | Sentir-se pesaroso e ter atitudes protetoras em relação à pessoa com deficiência.                                                                                                                                                          |
| Adoração do herói                     | Considerar uma pessoa como “especial” ou “extraordinária”, simplesmente por superar uma deficiência; elogiar exageradamente a pessoa com deficiência pela realização de ações de pouca importância, como se ela fosse incapaz de fazê-las. |
| Exaltação do modelo                   | Usar a imagem da pessoa com deficiência como modelo de persistência e coragem diante das demais.                                                                                                                                           |
| Percepção de incapacidade intelectual | Acreditar que a pessoa com deficiência não possui a mesma capacidade intelectual que as demais e, portanto, é um fardo à sociedade.                                                                                                        |
| Efeito de propagação                  | Acreditar que a deficiência de uma pessoa afeta negativamente outras características.                                                                                                                                                      |
| Estereótipos                          | Comparar uma pessoa com deficiência a outras que apresentam a mesma deficiência, criando generalizações positivas e/ou negativas.                                                                                                          |
| Compensação                           | Acreditar que as pessoas com deficiência devem ser compensadas de alguma forma, provendo a elas vantagens.                                                                                                                                 |
| Negação                               | Desconsiderar a deficiência como fator gerador de dificuldades.                                                                                                                                                                            |
| Substantivação da deficiência         | Caracterizar a pessoa com deficiência a partir desta, fazendo que a pessoa perca sua identidade em detrimento da deficiência.                                                                                                              |
| Comparação                            | Comparar as pessoas com e sem deficiência, colocando estas em situação superior às outras; acentua-se a falha do indivíduo, não seus sucessos.                                                                                             |
| Atitude de segregação                 | Acreditar que as pessoas com deficiência devem ser alocadas a lugares específicos para elas, separando-as das demais.                                                                                                                      |
| Adjetivação                           | Adotar adjetivos para referir-se à pessoa com deficiência, como “agressiva”, “dócil” e “difícil”. Essa adjetivação deteriora a identidade dessas pessoas.                                                                                  |
| Particularização                      | Afirmar, de maneira restritiva, que a pessoa com deficiência evolui à sua maneira.                                                                                                                                                         |
| Baixa expectativa                     | Acreditar que as pessoas com deficiência devem realizar apenas atividades que exijam pouco de seu intelecto e habilidades, desacreditando-a.                                                                                               |
| Generalização                         | Generalizar aspectos positivos ou negativos de uma pessoa com deficiência, em relação à outras pessoas com a mesma deficiência.                                                                                                            |
| Padronização                          | Agrupar as pessoas com deficiência em torno desta.                                                                                                                                                                                         |
| Assistencialismo e superproteção      | Impedir que as pessoas com deficiência realizem atividades ou tomem certas decisões, por medo delas se sentirem frustradas com um possível fracasso.                                                                                       |

Fonte: Adaptado de Lima e Silva (2008).

Guedes (2007), defende que a falta de conhecimento acerca das reais características e particularidades das pessoas com deficiência é o cerne da situação de dependência e exclusão vivenciada por essas pessoas. A perpetuação das barreiras que reforçam a situação de vulnerabilidade a que as pessoas com deficiência vêm sendo constantemente submetidas é ocasionada pela sociedade, quando a mesma não busca promover soluções de acessibilidade. Sob essa égide, pode-se perceber que a conscientização é fator primordial na questão da inclusão total das pessoas com deficiência na sociedade.

Dentre os sistemas sociais dos quais as pessoas com deficiência são excluídas por conta das barreiras atitudinais, cabe destacar a empregabilidade. A exclusão das pessoas com deficiência do mercado de trabalho, como apresentado anteriormente, é causada principalmente pela falta de conhecimento. A próxima seção aprofunda a relação entre as pessoas com deficiência e as organizações.

## 2.5. PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A RELAÇÃO COM AS ORGANIZAÇÕES

Até meados do século XVIII, o tratamento predominante em relação às pessoas com deficiência era a segregação. Com o advento do conhecimento científico, essas pessoas passaram a ser tratadas segundo a questão da normalidade. Fundamentando-se nessa perspectiva, as pessoas precisariam passar por um processo de reabilitação para serem integradas à sociedade, ou seja, as pessoas com deficiência precisariam se adequar aos padrões de normalidade para fazer parte do sistema social (CARVALHO-FREITAS, 2007).

A abordagem da integração sustentava-se em razão do custo para segregar uma parte da população na improdutividade ser muito alto para o sistema social – o discurso de reabilitação de pessoas com deficiência à sociedade se fez presente. Dessa forma entidades surgiram para viabilizar a volta destes indivíduos ao sistema produtivo com treinamentos e educação especial (FERNANDES; SCHLESENER; MOSQUERA, 2011).

Fernandes, Schlesener e Mosquera (2011) afirmam que a integração apresentou dificuldades, pois não havia mobilizado a sociedade a fim de atender a pessoa com deficiência e estas precisavam se adequar aos padrões da chamada normalidade. De acordo com Aranha (2001), o objeto principal da mudança era o próprio sujeito, não incumbindo a sociedade de realizar mudanças em benefício das pessoas com deficiência.

Segundo Aranha (2001), críticas e discussões começaram a ser levantadas, argumentando que a pessoa com deficiência era um cidadão como qualquer outro e, portanto, detentor dos mesmos direitos e oportunidades disponíveis na sociedade. Com base nessas

ideias, surgiu o princípio da diversidade, firmado no pressuposto de que pessoas com deficiência têm direito à convivência não segregada e ao acesso aos recursos disponíveis aos demais cidadãos. Junto ao princípio da diversidade, veio o conceito de inclusão, que é considerado como um “(...) ajuste mútuo, onde cabe à pessoa com deficiência manifestar-se com relação a seus desejos e necessidades e à sociedade, a implementação dos ajustes e providências necessárias que a ela possibilitem o acesso e a convivência no espaço comum, não segregado” (ARANHA, 2001, p. 171).

A inclusão, segundo Carvalho-Freitas (2007, p. 61-62),

(...) desloca a deficiência de um problema individual para um problema social. Seu pressuposto é de que a sociedade tem que se adaptar para incluir a todos. Abre-se, então, a possibilidade de inclusão das pessoas com deficiência nos diversos espaços sociais, tendo como pressupostos a adequação da sociedade e a inclusão das pessoas com deficiência a partir de suas potencialidades.

No Brasil, com a finalidade de inserir as pessoas com deficiência no mercado de trabalho, foi criada a Lei nº 8.213, de julho de 1991, conhecida como Lei de Cotas (CARVALHO-FREITAS, 2007). Esta lei instituiu a política nacional de cotas empregatícias para pessoas com deficiência, tornando compulsória a reserva de vagas de trabalho para pessoas com deficiência em empresas com 100 ou mais empregados. A não observância desse preceito legal é considerada prática discriminatória proibida pela Constituição Federal de 1988 (RIBEIRO; CARNEIRO, 2009).

Contudo, mesmo com o advento da Lei de Cotas, as pessoas com deficiência ainda enfrentam barreiras para ingressar no mercado de trabalho. Muitos autores afirmam que grande parte da dificuldade de se inserir a pessoa com deficiência no mercado de trabalho se deve ao preconceito social ou à falta de conhecimento do potencial da pessoa com deficiência (ANACHE, 1996; LANCILLOTTI, 2001; SOUZA-SILVA; DIEGUES; CARVALHO, 2012). Guedes (2007) corrobora com essas ideias ao defender que a falta de conhecimento da sociedade a respeito das características e particularidades das pessoas com deficiência impossibilita que a situação de vulnerabilidade vivenciada por essas seja alterada.

Apesar da situação das pessoas com deficiência ser caracterizada pela falta de oportunidades de trabalho, muitas delas possuem alguma ocupação e, portanto, renda, conforme dados apresentados pelo IBGE (2010). Partindo dessa premissa, observa-se a importância de se estudar pessoas com deficiência no papel de consumidoras. Faria e Casotti (2014) argumentam que a exclusão das pessoas com deficiência do papel de consumidoras é mais uma das facetas da exclusão social sofrida por elas. Faria e Silva (2011) corroboram com esse argumento ao

constatar que a sociedade e, por conseguinte, as organizações, não consideram esse grupo de pessoas como potenciais consumidores.

O próximo capítulo apresentará a metodologia utilizada para que o presente trabalho atinja os objetivos propostos.

## CAPÍTULO 3

### 3. METODOLOGIA

O presente capítulo apresenta as informações relativas à abordagem metodológica utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa.

#### 3.1. NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa por lidar com questões que não podem ou não deveriam ser quantificadas – o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2009).

A pesquisa ainda se apresenta como exploratória, pois objetiva proporcionar familiaridade com o problema, tornando este mais explícito ou visando a construção de hipóteses (GIL, 2002), e descritiva, pois tem a finalidade de descrever características da população estudada e estabelecer relações entre variáveis (VERGARA, 2004).

O delineamento da pesquisa é híbrido, pois utilizou-se na coleta de dados fontes bibliográficas – livros e sites – e documentais – histórias em quadrinhos. Embora a pesquisa bibliográfica seja muito semelhante à pesquisa documental, elas podem ser distinguidas pelo fato de a primeira apresentar a contribuição de muitos autores sobre determinado tema, enquanto a segunda busca informações em documentos que não receberam tratamento analítico (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANE, 2009).

#### 3.2. COLETA DE DADOS

*A priori*, foram alvo da presente pesquisa os super-heróis e super-vilões das histórias em quadrinhos da Marvel e da DC. Dentre esses, foram identificados 20 personagens que têm algum tipo de deficiência, conforme exigiam os objetivos do trabalho.

Foi observada a importância que os personagens identificados exerciam em seus contextos, seu tipo de deficiência, a disponibilidade de informações sobre esses personagens e possíveis implicações que eles teriam na representação social das pessoas com deficiência. Com base nesses critérios, foram selecionados 12 personagens para ser abordados na análise dos resultados.



As informações necessárias à identificação e à seleção dos personagens com deficiência analisados neste trabalho foram obtidas nos sites oficiais da Marvel e da DC, bem como em dezenas de histórias em quadrinhos dessas editoras e nos livros “*The DC Comics encyclopedia: the definitive guide to the characters of the DC universe*” e “*The Marvel encyclopedia: the definitive guide to the characters of the Marvel universe*”.

### 3.2. ANÁLISE DE DADOS

A fim de analisar com maior acurácia cada um dos personagens, estes foram elencados em um quadro – apresentado no Apêndice A – com algumas informações consideradas mais relevantes, a saber: apelido e/ou nome verdadeiro; posicionamento; editora a que pertence; forma como adquiriu a deficiência; ocupação; e poderes e habilidades. Vale salientar que o quadro não tem a intenção de esgotar todos os personagens superpoderosos que têm alguma deficiência e são apresentados nas histórias em quadrinhos. Além disso, nem todos os personagens que aparecem no quadro serão abordados na análise dos resultados, mas todos foram importantes para que se pudesse atingir os objetivos da pesquisa.

Levando-se em consideração que o trabalho busca analisar a representação social das pessoas com deficiência a partir dos personagens com superpoderes apresentados nas histórias em quadrinhos – um importante meio de comunicação em massa na atualidade –, a técnica de pesquisa utilizada foi a análise de conteúdo, visto que esta tem a finalidade de descrever, sistematicamente, o conteúdo das comunicações (BARDIN, 1977).

O próximo capítulo apresenta a análise e interpretação dos dados obtidos através da pesquisa dos super-heróis e super-vilões das editoras norte-americanas Marvel Comics e DC Comics que têm alguma deficiência.

## CAPÍTULO 4

### 4. RESULTADOS DA PESQUISA

Este capítulo apresentará a análise e interpretação dos dados obtidos através de uma pesquisa qualitativa sobre os personagens com superpoderes que têm alguma deficiência – sejam eles heróis ou vilões – das editoras norte-americanas Marvel Comics e DC Comics.

#### 4.1. PERSONAGENS DA DC COMICS

Nesta seção, serão apresentados os super-heróis e super-vilões da DC Comics com deficiência que são considerados mais relevantes para o presente trabalho.

##### 4.1.1. Doutor Meia-Noite

O Doutor Meia-noite, lançado pela DC Comics em 1941, é conhecido por ser o primeiro super-herói com alguma deficiência nas histórias em quadrinhos (HAWKINGS, 2014). Charles McNider – verdadeiro nome do super-herói – era um famoso cirurgião que uma noite foi chamado pela polícia para operar uma importante testemunha contra o crime organizado. Assim que o doutor McNider chegou até a sala onde estava seu paciente, um criminoso atirou uma granada no recinto, matando todos que ali estavam, exceto o doutor, que ficou cego com a explosão. Com o que acreditava ser o fim de sua carreira médica, Charles McNider tornou-se escritor e passou a denunciar o submundo do crime em seus artigos. Certa noite, uma coruja atravessou a janela de McNider, que, assustado, tirou as faixas que cobriam seus olhos e descobriu que podia enxergar perfeitamente na escuridão. Com seu novo superpoder, McNider assumiu a identidade do Doutor Meia-Noite e passou a combater os criminosos que continuava a denunciar como escritor (REIZENSTEIN; ASCHMEIER, 1941).

Em decorrência da perda da visão, o doutor McNider não pôde continuar normalmente seu trabalho como médico cirurgião, no entanto, ele não se tornou um membro improdutivo da sociedade como aconteceu com tantas pessoas com deficiência na história, conforme apresentado por Lopes *et al* (1995). Antes mesmo de ganhar seus superpoderes e assumir o papel de Doutor Meia-Noite, Charles decidiu continuar trabalhando, mas agora como escritor – um trabalho que lhe permitiria levar a justiça aos criminosos que haviam lhe deixado cego. O

agraciamento com seus poderes e a oportunidade de tornar-se um super-herói apenas acompanharam o desejo do personagem de ajudar as pessoas, mostrando que mesmo uma pessoa com deficiência sem superpoderes pode ter papel ativo em vários aspectos da sociedade.

Imagem 4.1: Apresentação do Doutor Meia-Noite.



Fonte: *All-American Comics* (1941).

Além disso, Charles McNider utiliza em seu favor o descrédito que as pessoas têm em suas capacidades – pelo fato dele ser cego –, para ajudar a esconder sua identidade secreta – uma visível contraposição à validade das barreiras atitudinais da ignorância e da baixa expectativa (LIMA; SILVA, 2008).

#### 4.1.2. Exterminador

O oficial do exército americano, Slade Wilson, foi o mais jovem herói da Guerra da Coreia, mentindo sobre sua idade ao se alistar – ele tinha apenas 16 anos. Numa turma onde só estavam os melhores soldados, graduou-se com honrarias. Posteriormente, voluntariou-se para um procedimento experimental que o proveu de velocidade, força, resistência e inteligência sobre-humana. Ao ser dispensado do serviço militar, Slade viria a se tornar o mercenário conhecido como Exterminador. Em decorrência de seu novo trabalho, o personagem teve um

de seus filhos sequestrado, e este acabou sofrendo um corte na garganta que lhe tirou a capacidade de falar. Revoltada com o que acontecera ao seu filho, a mulher de Slade Wilson atirou no próprio marido – um tiro que culminou na perda da visão do olho direito do mercenário. O personagem, no entanto, nunca escondeu sua deficiência – sempre se considerou suficientemente bom ao ponto de não se importar que as pessoas soubessem que ele era cego de um olho (WOLFMAN; PÉREZ, 1984).

Imagem 4.2: O Exterminador antes de perder o olho direito.



Fonte: *Tales of the Teen Titans* (1984).

Embora Slade Wilson seja um vilão, pode-se considerar que ele suscita uma representação positiva das pessoas com deficiência. Se a deficiência o tivesse tornado vilão, a representação poderia ser negativa, mas este não é o caso. O personagem já era um mercenário antes de adquirir a deficiência. Mesmo depois de perder um olho, Slade não deixou de exercer seu papel na sociedade – embora seu papel seja o de vilão – e nunca se envergonhou disso. O personagem possibilita o entendimento de que as pessoas podem continuar sendo igualmente produtivas, mesmo depois de adquirir uma deficiência.

Além disso, o fato do Exterminador ser cego de um olho e continuar sendo um mercenário requisitado para os trabalhos mais difíceis (DC COMICS, 2015) demonstra que as barreiras atitudinais da ignorância e da percepção de menos-valia (LIMA; SILVA, 2008) não se aplicaram ao personagem por ele ter uma deficiência.

#### 4.1.3. Ciborgue

Embora seus pais quisessem que ele seguisse carreira científica, assim como eles haviam feito, Victor Stone preferiu dedicar-se ao esporte. Durante uma experiência em conjunto com seu marido, a mãe de Victor acidentalmente atraiu uma criatura de outra dimensão até seu laboratório. A criatura matou a mãe de Victor e quase fez o mesmo com o jovem, mas seu pai, Silas Stone, conseguiu enviar a criatura de volta a tempo. Vendo seu filho extremamente ferido e quase sem vida, Silas implantou partes robóticas para substituir os tecidos destruídos de Victor. Inicialmente, Victor se isolou da sociedade, devido a sua nova condição, mas ele superou o trauma e passou a trabalhar em conjunto com os Jovens Titãs – tornou-se o super-herói chamado Ciborgue (JIMENEZ *et al*, 2004; WOLFMAN; PÉREZ, 1981).

Imagem 4.3: Ciborgue.



Fonte: *The Titans* (2000).

A isolação de Victor, em decorrência da aquisição da deficiência, não é um comportamento incomum na forma como as pessoas com deficiência são retratadas em textos culturais, conforme apresenta Barnes (1992) e Faria e Casotti (2014). Assevera-se, entretanto, que os textos culturais já apresentam em demasia dificuldades semelhantes, o que a torna dispensável na construção da concepção acerca das pessoas com deficiência.

Contudo, as dificuldades relativas à deficiência não são frequentemente abordadas na história do personagem. Este consegue se desenvolver em seu contexto – sem que sua vida seja em função da deficiência – e fazer parte de importantes equipes de super-heróis da DC, como os Jovens Titãs e a Liga da Justiça. A participação do Ciborgue nessas equipes de super-heróis se mostra contrária às atitudes de segregação, conforme cita Lima e Silva (2008).

#### 4.1.4. Oráculo

Com a morte de seus pais, Bárbara Gordon foi adotada por seu tio, James Gordon, comissário de polícia da cidade de Gotham. Uma brilhante aluna, Bárbara graduou-se na Universidade de Gotham muito jovem, e conseguiu um emprego numa biblioteca. Acabou frustrando o ataque de um criminoso ao bilionário Bruce Wayne e, posteriormente, se tornando a primeira Batgirl. Depois de um incidente que quase a levou à morte, Bárbara decidiu encerrar a carreira de super-heroína. Pouco depois disso, como parte de uma vingança contra o comissário Gordon, o Coringa atirou em Bárbara, deixando-a paraplégica. A personagem, entretanto, retornaria a combater o crime como Oráculo, uma super hacker e especialista em colher informações (JIMENEZ *et al*, 2004).



Imagem 4.4: Momento em que o Coringa atira em Bárbara Gordon.



Fonte: *Batman* (2008).

Oráculo é um exemplo de personagem que teve suas funções realocadas, em função da deficiência, não deixando de exercer papel importante no seu contexto. Embora tenha sido impossibilitada de combater o crime como um dia o fizera, Bárbara encontrou uma forma de utilizar suas habilidades para o bem da sociedade.

Outro aspecto importante que pode ser observado em relação a Oráculo é que ela não recebeu superpoderes em decorrência da aquisição da deficiência, diferente do que acontece com outros personagens. Bárbara Gordon já possuía as habilidades que utiliza como Oráculo, antes mesmo de perder a capacidade de andar. Ela apenas utilizou essas habilidades de uma maneira que a deficiência não influenciaria no seu desempenho.

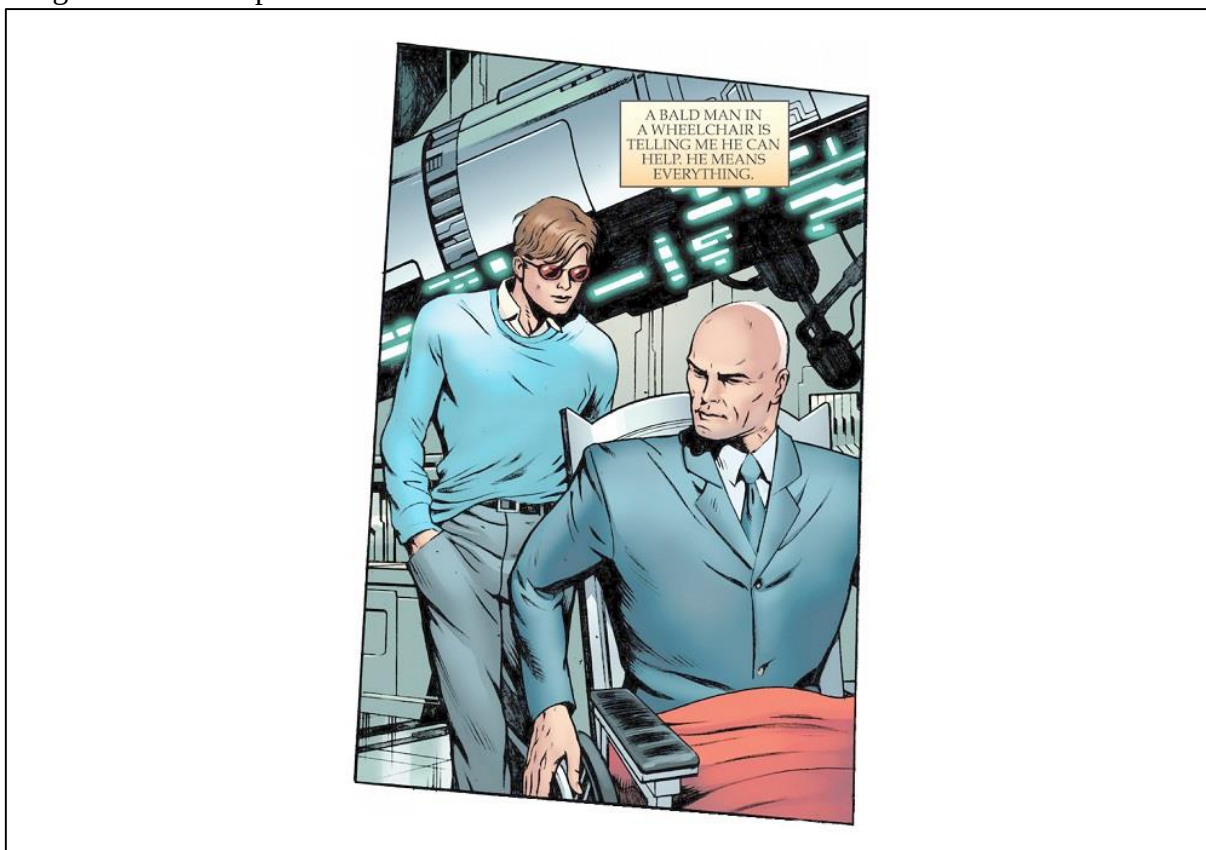
## 4.2. PERSONAGENS DA MARVEL COMICS

Nesta seção, serão apresentados os super-heróis e super-vilões da Marvel Comics com alguma deficiência que são considerados mais relevantes para que o presente trabalho alcance os objetivos propostos.

### 4.2.1. Professor X

Charles Francis Xavier, conhecido como Professor X, é um dos principais personagens mutantes do universo criado pela Marvel. Ele ingressou no ensino superior aos 16, no curso de biologia – formando-se em apenas dois anos – e cursou pós-graduação em genética e biofísica na renomada Universidade de Oxford. Após esse período, em uma luta com um alienígena chamado Lúcifer, Charles teve as pernas esmagadas por uma rocha e perdeu a capacidade de andar. A deficiência não impediu que o personagem continuasse seus estudos acadêmicos. Charles estudou antropologia na Universidade de Columbia – onde recebeu o título de Doutor – e formou-se em psiquiatria em Londres (MARVEL COMICS, 2015).

Imagem 4.5: O sempre bem-vestido Prof. Dr. Charles Xavier.



Fonte: *Uncanny X-Men* (2012).



O denso currículo que o personagem possui se mostra um elemento de contradição à concepção histórica de que as pessoas com deficiência seriam incapazes de aprender e de manifestar conhecimento, conforme cita Lima, Guedes e Guedes (2010). A representação social inferida do personagem Charles Xavier é positiva, à medida que combate a construção e propagação das barreiras atitudinais da inferioridade e percepção de incapacidade intelectual, citadas por Lima e Silva (2008). Além disso, a associação feita entre as pessoas com deficiência e os mendigos, citada por Lopes *et al* (1995), é refutada ao se analisar o Professor Xavier, visto que este é um homem rico e sempre bem-vestido, conforme apresentado na Imagem 4.2.

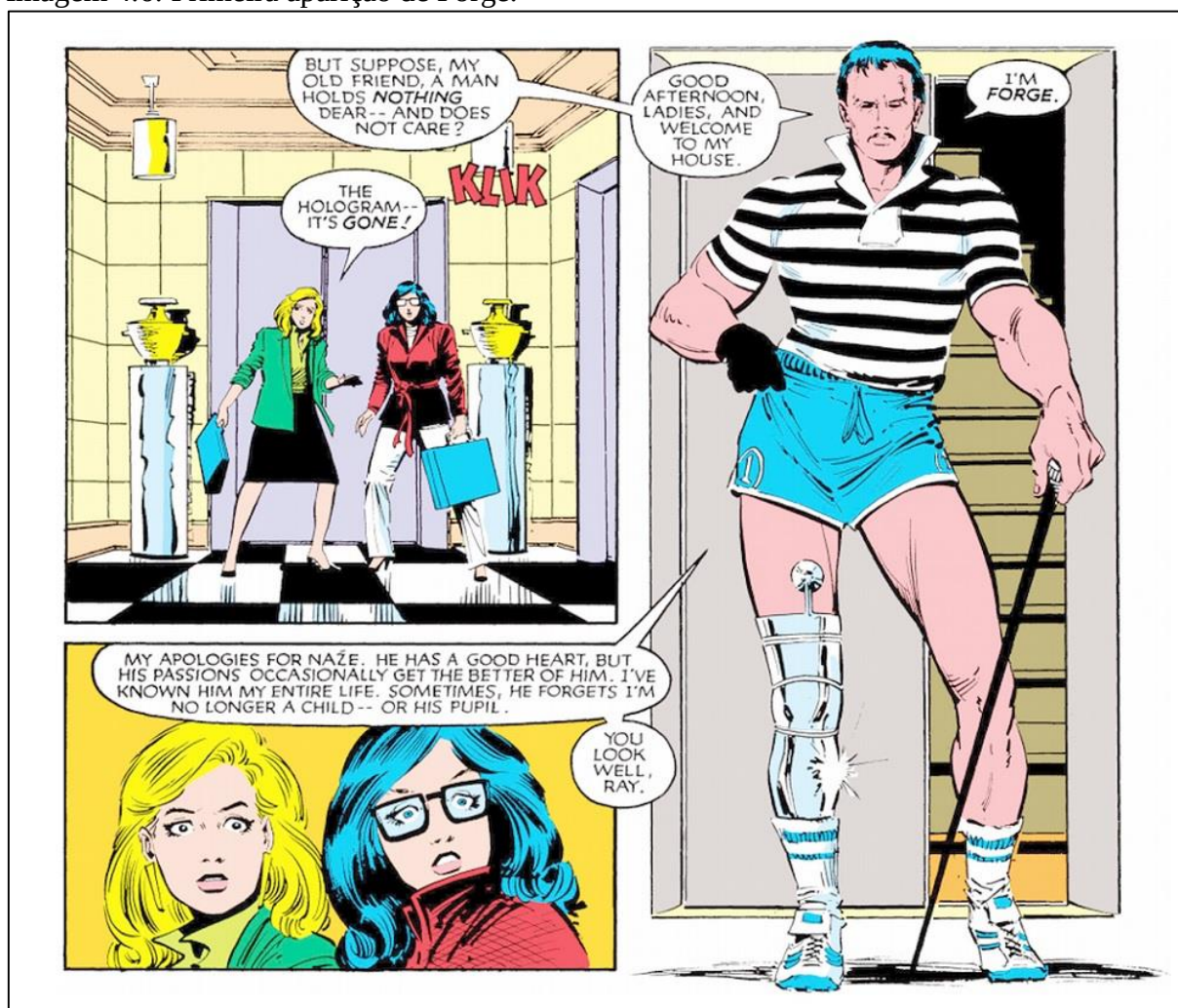
A deficiência de Charles Xavier não o impediu de fundar uma escola exclusiva para jovens mutantes, onde estes tinham a oportunidade de aprender a utilizar seus poderes para o bem da humanidade (MARVEL COMICS, 2015). A exclusividade de mutantes nessa escola pode ser associada ao modelo de integração, duramente criticado por acabar segregando as pessoas com deficiência, em vez de inseri-las na sociedade (OMOTE, 1999). Contudo, considerando que o lançamento dos X-Men data do início da década de 1960, a abordagem de um modelo semelhante ao de integração é bastante precoce. Além disso, o perfil empreendedor de Charles Xavier em fundar uma escola para mutantes, mesmo depois de ter perdido a capacidade de andar, é deveras notável.

#### 4.2.2. Forge

O mutante conhecido como Forge entrou em contato com os X-Men a partir de seu relacionamento com um de seus membros, a mutante Ororo Munroe, conhecida como Tempestade. Na ocasião, Forge – um ex-soldado que lutara na Guerra do Vietnã – trabalhava como inventor para o Departamento de Defesa norte-americano – antigo cargo ocupado por Tony Stark –, devido a sua capacidade de criar intuitivamente quase qualquer aparelho imaginável usando suas habilidades mutantes. O personagem havia perdido a mão e a perna direita num bombardeio e construiu ele mesmo as próteses mecânicas que usa (MARVEL COMICS, 2015).

Forge é um exemplo da representação dos veteranos de guerra norte-americanos mutilados em combate, cuja reinserção na sociedade aconteceu de forma mais intensa após a Segunda Guerra Mundial, conforme cita Carvalho-Freitas (2007). A importância do personagem não se fundamenta na deficiência do mesmo ou nas implicações que ela poderia ter. Os poderes de Forge e suas relações interpessoais são os fatores que fazem dele elemento essencial no enredo dos X-Men.

Imagem 4.6: Primeira aparição de Forge.



Fonte: Uncanny X-Men (1984).

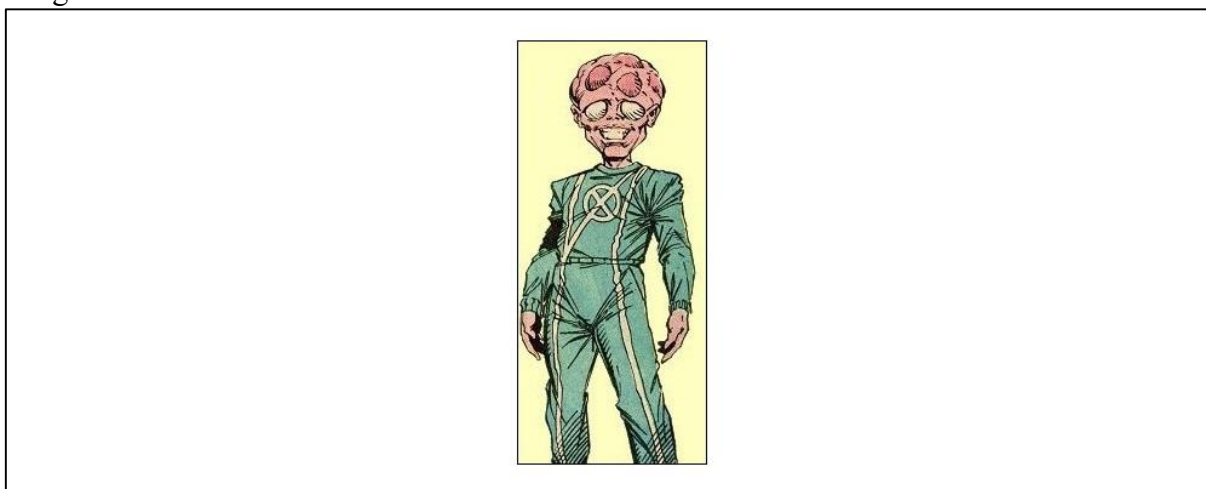
A superação psicológica pela perda da mão e da perna na guerra não chega a ser um fator de relevância nas histórias em quadrinhos. A representação do personagem combate a criação e disseminação das barreiras atitudinais, citadas por Lima e Silva (2008), da inferioridade, da percepção de incapacidade intelectual – da mesma forma que Charles Xavier – e da baixa expectativa, visto que o personagem se apresenta, inicialmente, como inventor do Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

#### 4.2.3. Artie Maddicks

O jovem Arthur “Artie” Maddicks tinha 11 anos quando seus poderes se manifestaram. Juntamente com a capacidade de projetar imagens – de forma semelhante a um aparelho holográfico – e se conectar telepaticamente com outras pessoas, o jovem teve a aparência desfigurada e perdeu a capacidade de falar. O pai de Arthur, o cientista Carl Maddicks, realizou

várias tentativas a fim de reverter a mutação de seu filho. O cientista chegou a utilizar de meios inescrupulosos para atingir seus objetivos, como utilizar um ex-colega de trabalho – o mutante conhecido como Fera – como cobaia em um de seus experimentos. Entretanto, o pai de Arthur não pôde terminar seus ensaios a tempo de reverter a mutação de seu filho, e acabou sendo assassinado em decorrência de suas atividades clandestinas. O jovem mutante posteriormente acabou juntando-se ao grupo conhecido como Novos Mutantes (LAYTON; GUICE, 1986; MARVEL COMICS, 2015).

Imagem 4.7: Arthur “Artie” Maddicks.



Fonte: Marvel Comics (2015).

O fato do personagem ser mudo não traz grandes consequências para o contexto, visto que ele usa seus poderes para se comunicar com as pessoas. Poder-se-ia observar um certo grau de assistencialismo para com Artie, o que configurar-se-ia como uma barreira atitudinal (LIMA; SILVA, 2008), entretanto, não é possível determinar se a superproteção é causada pela afonia, pela desfiguração do personagem ou pelo fato de ele ser uma criança.

#### 4.2.4. Karma

Xi'an Coy Manh é uma mutante vietnamita que apareceu pela primeira vez em 1980 (MARVEL COMICS, 2015), mas apenas se juntou aos X-Men em 1982, quando ficou conhecida como Karma e passou a trabalhar como secretária de Charles Xavier (CLAREMONT; MCLEOD, 1982). Essa personagem só veio a integrar o grupo de super-heróis com deficiência no ano de 2010, quando perdeu a perna esquerda durante uma batalha (CAREY; LAND, 2010).

Imagem 4.8: Momento em que Karma ganha sua prótese.



Fonte: *New Mutants* (2010).

A deficiência, no entanto, não pareceu ter acarretado mudanças drásticas na vida de Xi'an, visto que ela teve suas atividades dentro dos X-Men continuadas da mesma forma que antes e suas relações interpessoais não sofreram alterações perceptíveis. A representação da personagem é positiva, visto que ela não é concebida em função de sua deficiência.

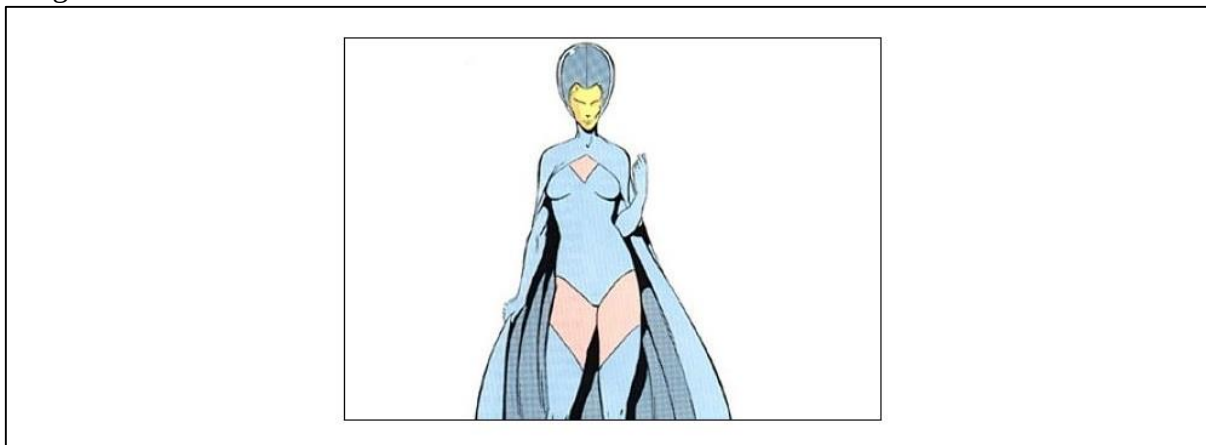
#### 4.2.5. Sina

Irene Adler nasceu em uma família rica da Áustria, no século XIX. Seus poderes só se manifestaram aos 13 anos, quando ela começou a prever o futuro em suas inúmeras probabilidades. Irene passou cerca de um ano transcrevendo suas visões em uma série de livros – que ficaram conhecidos como Livros da Verdade –, mas acabou perdendo a capacidade de enxergar em decorrência disso. Sina – nome pela qual a mutante ficou conhecida – foi cofundadora da segunda Irmandade de Mutantes, grupo terrorista que pregava a superioridade



dos mutantes em relação aos humanos e era habitualmente combatido pelos X-Men. Embora tenha usado de meios aviltantes para defender seus ideais em vida, o espírito de Sina – agora habitando o Limbo – aliou-se a uma feiticeira chamada Margali Szardos com o objetivo de defender a humanidade (CLAREMONT; LARROCA, 2001, MARVEL COMICS, 2015).

Imagem 4.9: Irene Adler como Sina.



Fonte: *Marvel Comics* (2015).

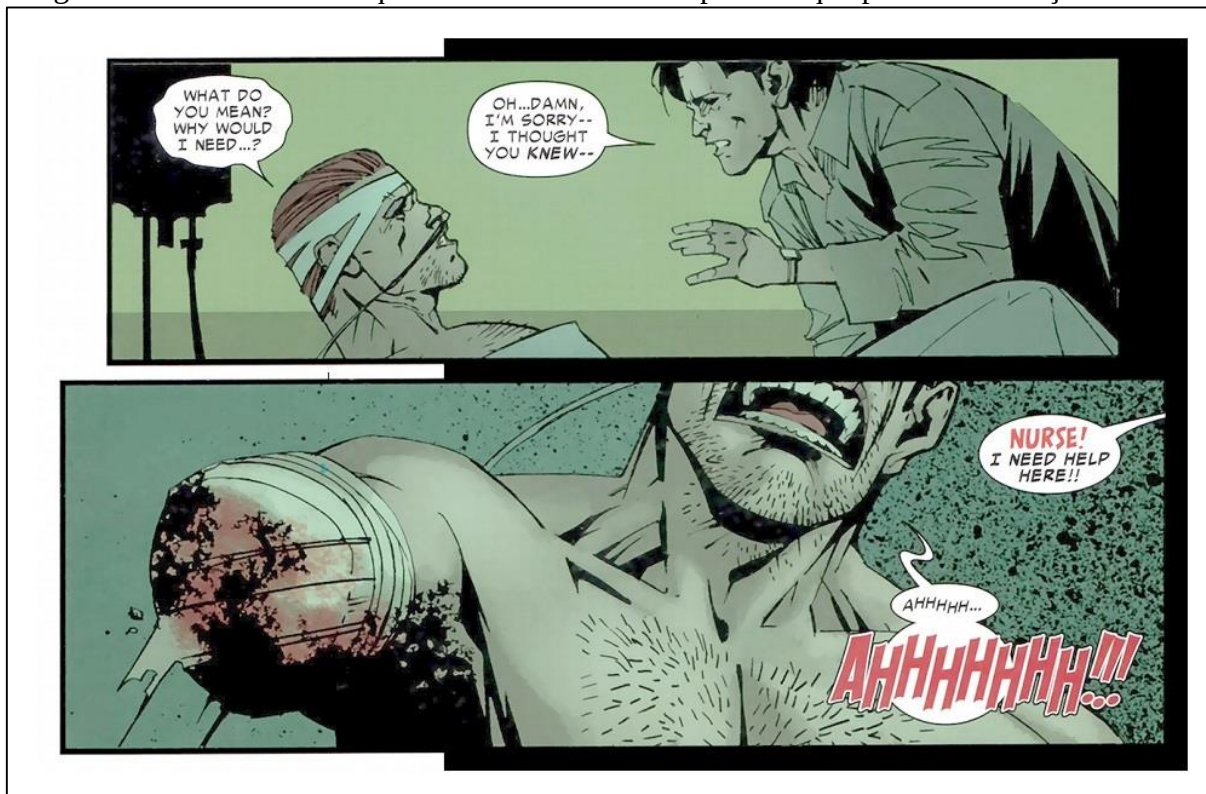
A inspiração para a mutante parece ter surgido a partir de Tirésias – personagem da mitologia grega que podia adivinhar o futuro, embora fosse cego. Na concepção grega da deficiência, Tirésias somente não era considerado como dispensável graças ao seu dom. Poder-se-ia, *a priori*, fazer a mesma inferência à mutante Sina, argumentando erroneamente que sua importância na trama só é justificada graças aos seus poderes. Defende-se, no entanto, que quase todos os personagens de destaque nas histórias em quadrinhos dos X-Men alcançaram tal posição graças aos seus poderes – se eles têm ou não alguma deficiência, este não é o fator determinante de sua importância no enredo.

#### 4.2.6. Lagarto

O doutor Curtis Connors era um talentoso cirurgião que foi convocado para ajudar seu país em uma guerra. Devido a uma explosão, seu braço direito foi seriamente ferido e precisou ser amputado. Eventualmente, ele ficou obcecado em descobrir os segredos da regeneração dos répteis, e passou a estudar a biologia desses animais intensivamente. Determinado a fazer seu braço direito crescer novamente, ele aplicou em si mesmo um soro experimental – fruto de suas experiências. O braço perdido havia crescido, mas em decorrência disso, o doutor Connors havia se transformado no monstro conhecido como Lagarto. Com a ajuda do Homem-Aranha,

o doutor Connors conseguiu voltar a forma humana – embora tenha acabado se transformando novamente no Lagarto algumas vezes –, mas o braço regenerado desaparecia junto com a forma monstruosa (LENTE; PALO, 2010; MARVEL, 2015).

Imagem 4.10: Momento em que o Dr. Curtis Connors percebe que perdeu um braço.



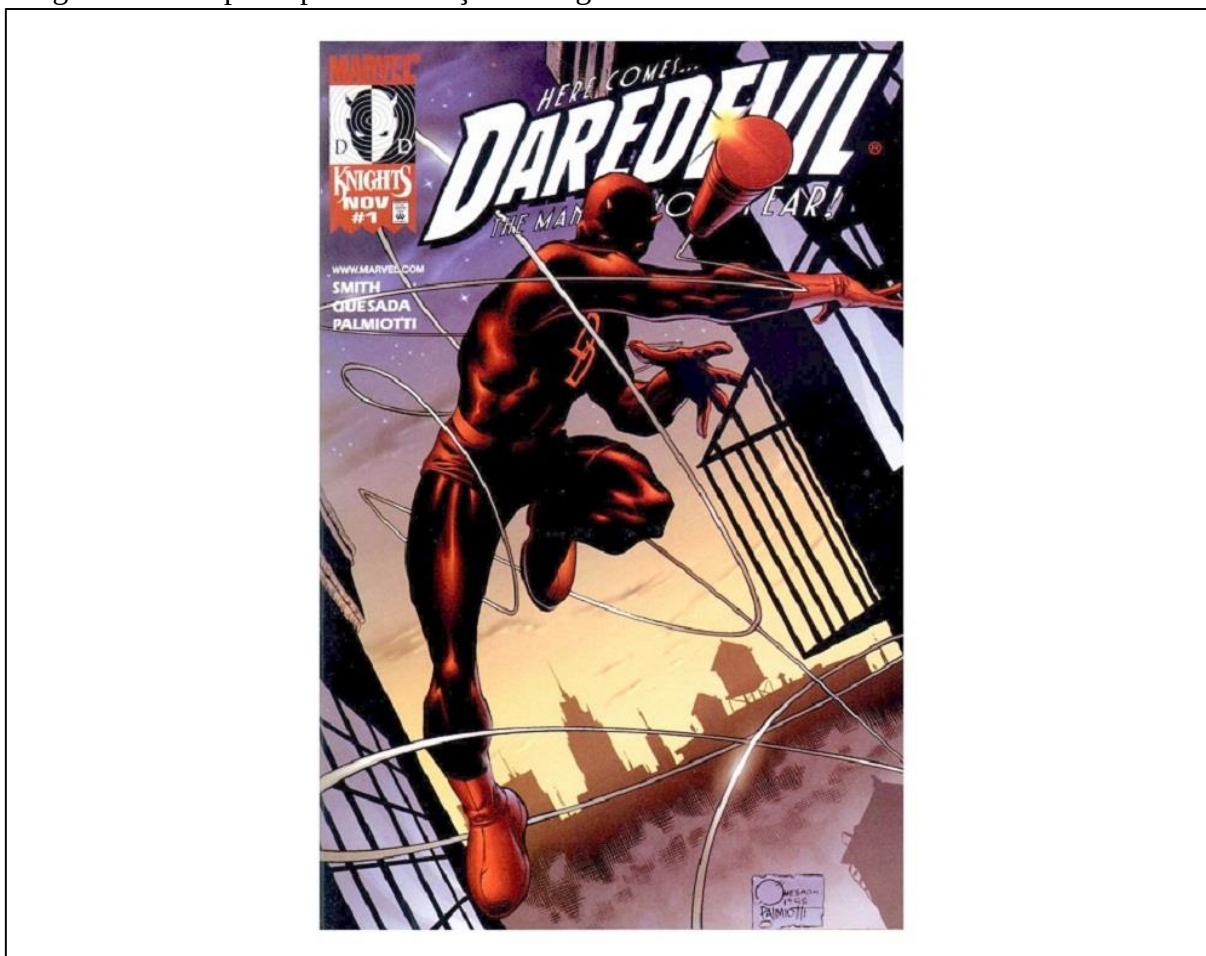
Fonte: *Web of Spider-Man* (2010).

O doutor Connors, como já foi elucidado, ficou obcecado em encontrar uma forma de reverter sua deficiência, o que pode ser associado com a tão criticada busca pela normalidade. A não-conformação do personagem com a deficiência é tamanha que ele se faz cobaia num experimento que acaba criando o monstro conhecido como Lagarto. Embora seja importante representar as dificuldades que muitas pessoas enfrentam ao adquirir uma deficiência, os textos culturais apresentam em demasia esse tipo de situação (BARNES, 1992; FARIA; CASOTTI, 2014). A obsessão do personagem em recuperar o braço e consequente luta contra o monstro em que ele havia se transformado pode influenciar na propagação da barreira atitudinal da piedade, citada por Lima e Silva (2008). Por outro lado, a grande inteligência do personagem corrobora com a dissolução da percepção de incapacidade intelectual das pessoas com deficiência.

#### 4.2.7. Demolidor

Abandonado pela mãe, Matthew “Matt” Michael Murdock foi criado pelo pai, que insistia que seu filho se dedicasse totalmente aos estudos para ter sucesso na vida – diferentemente de si próprio (SMITH *et al*, 1998). Percebendo que as regras eram necessárias para prevenir que pessoas agissem de forma nociva à sociedade, Matt decidiu estudar direito, embora também considerasse treinar sua capacidade física devido aos insultos que recebia dos colegas. Certo dia, quando salvou um homem de ser atropelado por um caminhão, este derramou acidentalmente um produto radioativo em Matt. O garoto ficou cego, como resultado do contato com o produto radioativo, mas seus outros quatro sentidos foram incrivelmente melhorados. Pouco antes de Matt se graduar em direito, seu pai foi assassinado sob ordem de um criminoso. E quando o sistema judiciário falhou em trazer justiça ao assassino de seu pai, Matt se tornou o Demolidor. Formado em direito, Matt, junto a um amigo, abriram um escritório de advocacia. (DEFALCO, 2006; MARVEL COMICS, 2015).

Imagem 4.11: Capa da primeira edição do segundo volume do Demolidor.



Fonte: *Daredevil* (1998).



Sem focar nas dificuldades que o personagem teve no decorrer de seus estudos por ser cego, a história do personagem mostra sua capacidade de, através do empenho, cursar o ensino superior e formar-se em direito. As realizações do personagem são mais importantes do que as barreiras que ele teve de superar. Como advogado, Matt se mostra capaz de exercer seu trabalho independente da deficiência, exercendo papel ativo na sociedade.

#### 4.2.8. Eco

Quando Maya Lopez era uma criança, seu pai foi assassinado por seu parceiro no crime, Wilson Fisk – o Rei do Crime (MARVEL COMICS, 2015). Sem conhecer o assassino do seu pai, Maya foi criada pelo próprio Fisk, que a colocou nas melhores escolas. Embora tenha nascido surda, a personagem é capaz de replicar qualquer ação física que ela ver, desde uma performance musical ou dança, até uma luta (MACK; QUESADA; PALMIOTI, 1999).

Imagem 4.12: Momento em que Maya Lopez conhece Matt Murdock.



Fonte: *Daredevil* (2000).

Quando adulta, Maya perguntou ao homem que a criou quem havia matado seu pai, e Fisk acusou o Demolidor desse crime – e nesse dia nasceu Eco. Ela foi atrás de vingança contra o demolidor, mas acabou descobrindo que ele era o seu amado, Matt Murdock, que tratou de



contar a verdade a Maya. Eco, então, foi atrás do assassino de seu pai e tentou matá-lo. Quando descobriu que ele não havia morrido, Maya buscou um caminho que a trouxesse paz, encontrando personagens como Wolverine e o Capitão América no percurso (MARVEL COMICS, 2015).

O fato de Maya ser surda, não a impediu de se tornar uma artista de sucesso. A personagem não é inferiorizada por ter uma deficiência, mostrando-se capaz de exercer uma profissão e ser reconhecida por isso. Embora a personagem não possa se comunicar de forma convencional, ela é capaz de manter relações interpessoais. Barreiras atitudinais como a percepção de incapacidade intelectual da pessoa com deficiência e atitudes de segregação, citadas por Lima e Silva (2008), são dissolvidas pela representação da personagem.

#### 4.3. IMPLICAÇÕES ORGANIZACIONAIS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS PERSONAGENS ABORDADOS

Os super-heróis e super-vilões com deficiência nas histórias em quadrinhos da DC e da Marvel não são segregados dos demais personagens em função de sua deficiência. Segundo Lima e Silva (2008), a segregação é a crença de que as pessoas com deficiência devem ser alocadas a lugares específicos para elas, separando-as das demais. Em sua inserção à vida de herói, o Ciborgue não foi alocado a um grupo específico de super-heróis com deficiência, mas sim aos Jovens Titãs, onde não existe distinção entre os membros com e sem deficiência. Da mesma forma, nenhum dos X-Men foi alocado a uma equipe ou grupo específico por apresentar alguma deficiência. Todos esses personagens tiveram a possibilidade de acesso e convivência nos espaços em que vivem, o que configura, segundo Aranha (2001), uma situação de inclusão.

A partir da análise dos personagens abordados neste trabalho, pode-se perceber que a inserção no espaço organizacional não é realizada utilizando critérios segregativos com base na deficiência daqueles, em outras palavras, os personagens com deficiência são inseridos juntamente com aqueles sem deficiência, sem que haja distinção entre eles.

Em geral, pode-se afirmar que os personagens com deficiência abordados neste trabalho não sofrem com o preconceito vivenciado pelas pessoas com deficiência no mundo real. A exemplo dessa afirmação, pode-se citar o Exterminador, que não deixa de ser um mercenário altamente requisitado mesmo apresentando uma deficiência visual; o Ciborgue, que não deixou de ser recrutado para os Jovens Titãs por utilizar próteses; o Professor X, que é sempre apresentado como um dos maiores telepatas; e a Oráculo, cujas habilidades como hacker e especialista em colher informações tornaram sua deficiência irrelevante em seu contexto.

Também pôde-se observar que alguns dos personagens abordados neste trabalho mantiveram suas atividades e trabalhos normalmente após adquirirem a deficiência, como no caso do Exterminador e do Professor X. Outros personagens tiveram suas funções realocadas, como no caso de Bárbara Gordon, que não poderia mais trabalhar como Batgirl e, por isso, tornou-se a Oráculo; Ciborgue, que deixou de ser um atleta e passou a fazer parte do grupo de heróis chamados Jovens Titãs; Charles McNider, que não poderia mais realizar cirurgias normalmente – apenas na escuridão absoluta – e acabou por se tornar um escritor e justiceiro; Forge, que abandonou a carreira como soldado e passou a trabalhar no Departamento de Defesa norte-americano, como pesquisador; e o doutor Curtis Connors, que deixou de lado a carreira médica e passou a se dedicar à pesquisa científica.

Os personagens superpoderosos com deficiência apresentam-se, nas histórias da DC e da Marvel, como pessoas empregadas e bem remuneradas, apesar da situação das pessoas com deficiência na vida real ser caracterizada pela falta de oportunidades de trabalho. Tal fato pode ser explicado pelas diversas capacidades que os personagens com deficiência apresentam em seus contextos, como mencionado anteriormente.

Outra observação importante que pode ser inferida é a adaptação do espaço organizacional às necessidades dos personagens com deficiência, a exemplo da escola para jovens mutantes fundada pelo Professor Xavier – toda a escola era adaptada para permitir o acesso de Charles aos seus diversos ambientes.

O Professor Xavier ainda se destaca, juntamente com Matt Murdock, pela sua passagem pela vida acadêmica. Charles ingressou no ensino superior aos 16 anos, cursando biologia. Realizou pós-graduação em genética e biofísica e, posteriormente, doutorado em antropologia. Por último, Charles formou-se em psiquiatria. Matt não possui um currículo acadêmico tão extenso quanto Charles Xavier, ainda assim, formou-se em direito. Ambos os personagens também possuem características que podem enquadrá-los como empreendedores, pois identificaram soluções para problemas em seus ambientes e, conseqüentemente, oportunidades de negócios. Matt Murdock foi responsável pela criação de um escritório de advocacia em uma cidade onde o crime reinava, enquanto o Professor Xavier criou uma escola onde mutantes poderiam aprender a controlar seus poderes e se proteger de uma sociedade que os abominava. A similaridade entre tais personagens é evidente, embora o Professor Xavier tenha se dedicado à vida acadêmica por muito mais tempo e tenha fundado uma organização muito mais inovadora e complexa.

Muitos dos personagens abordados neste trabalho, bem como Bárbara Gordon, o Professor Xavier, Forge, o doutor Curtis Connors, Matt Murdock e Maya Lopez, são

apresentados como pessoas bem instruídas e com habilidades excepcionais, independentemente de suas deficiências. A deficiência não interrompeu a vida acadêmica do Professor Xavier e não o impediu de fundar uma escola para jovens mutantes. A perda de um braço e uma perna não impediu Forge de conseguir um cargo no Departamento de Defesa dos Estados Unidos, bem como a perda da visão não impediu Matt Murdock de se tornar advogado e abrir sua própria firma de advocacia. Dessa forma, pode-se observar que a deficiência não necessariamente incapacita uma pessoa a realizar atividades importantes para o quadro funcional de muitas organizações.

Em relação a apresentação dos personagens com deficiência como consumidores, podem surgir críticas devido à escassez de eventos onde isso aconteça. Contudo, a situação de apresentação de personagens de histórias em quadrinhos como consumidores é igualmente escassa para aqueles que apresentam ou não alguma deficiência.

## CAPÍTULO 5

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa era discutir as representações sociais das pessoas com deficiência originadas a partir de personagens superpoderosos de histórias em quadrinhos da Marvel Comics e da DC Comics. Inicialmente, cabe destacar que a literatura já realiza estudos sobre a representação social dessas pessoas em alguns tipos de textos culturais. A representação das pessoas com deficiência em selos e filmes chama a atenção da sociedade para essa minoria, porém, não as retrata sob a dimensão positiva de suas possibilidades de atuação social, mas sim em função da deficiência (BARNES, 1992; LUSTOSA; SANTOS, 2012). As telenovelas brasileiras aparentam ser muito mais generosas do que os textos culturais já citados, em relação às representações de pessoas com deficiência, embora estas também sejam retratadas majoritariamente em função da deficiência (FARIA, CASOTTI, 2014).

Dentre os personagens analisados neste trabalho, o único que foi considerado como uma representação predominantemente negativa da pessoa com deficiência foi Curtis Connors. Este é apresentado nas histórias como um personagem de bom caráter, sempre ajudando Peter Parker quando possível. A obsessão do doutor Connors na busca pela recuperação do braço perdido e consequente – e recorrente – transformação num monstro implica no desenvolvimento de um sentimento de pena, promovendo a propagação da barreira atitudinal da piedade, conforme cita Lima e Silva (2008).

Outros personagens, como o Ciborgue e Artie Maddicks, criam uma representação com aspectos positivos e negativos, sobre as pessoas com deficiência. Alguns trechos da história de Victor Stone podem gerar o sentimento de pena em relação a ele, enquanto é difícil determinar se Artie propaga ou não alguma barreira. Por outro lado, defende-se que ambos os personagens permitem a dissolução da barreira atitudinal da segregação.

Analisando de forma generalizada a representação criada a partir dos personagens com superpoderes nas histórias em quadrinhos acerca da deficiência, essa pesquisa chegou à conclusão que tal representação pode ser considerada como positiva, principalmente se comparada com as representações dessas pessoas em outros tipos de textos culturais. Os personagens não são retratados em função de sua deficiência, sendo esta apenas mais uma das características dos personagens. Eles conseguem estudar, trabalhar, ter relações interpessoais e alcançar seus objetivos sem que a deficiência se mostre um estorvo. Além disso, a maioria dos

personagens, de alguma forma, traz em si um comportamento, pensamento ou característica que se contrapõe a propagação de barreiras atitudinais.

Embora possam surgir críticas aos personagens com deficiência com superpoderes nas histórias em quadrinhos, argumentando que estes baseiam-se na barreira atitudinal da adoração ao herói citada por Lima e Silva (2008), o presente trabalho pretende refutar tais argumentos ao afirmar que as pessoas com deficiência não são as únicas a ganhar superpoderes nessas histórias – personagens sem deficiência também ganham superpoderes, nem por isso, o argumento da adoração ao herói é válido para elas. As barreiras atitudinais são descritas afetando indivíduos em função de suas restrições (DISCHINGER; MACHADO, 2006) ou simplesmente afetando pessoas com deficiência (GUEDES, 2007). Considerando que as pessoas com e sem deficiência são elevadas à categoria de herói – ou vilão – em razão de seus poderes nas histórias em quadrinhos, esse elemento não pode ser utilizado para apontar uma representação negativa das pessoas com deficiência por parte de seus personagens.

Dois personagens se mostraram especialmente importantes na propagação de uma representação social positiva das pessoas com deficiência. O primeiro deles é o Doutor Meia-Noite, que já havia apresentado suas intenções de combater o crime antes mesmo de seus superpoderes se expressarem e faz uso do descrédito que as pessoas têm em suas capacidades para ajudar a esconder sua identidade secreta. O segundo é o exterminador, que, embora seja um vilão, não deixou de exercer seu papel na sociedade e nunca se envergonhou disso. Ele também refuta a validade das barreiras atitudinais da ignorância e da percepção de menos-valia por ser um mercenário assumidamente cego de um olho e ainda requisitado para os trabalhos mais desafiadores.

Matt Murdock e Charles Xavier destacam-se dos demais personagens pela passagem pela vida acadêmica e pelo perfil empreendedor que apresentam. Matt, ao formar-se em direito, abriu um escritório de advocacia junto a um amigo. Charles, ao concluir sua extensa formação, fundou uma escola para jovens mutantes. A semelhança entre os personagens é notável, embora o professor Xavier tenha se dedicado mais à vida acadêmica e fundado uma organização inovadora mais complexa.

Muitos dos personagens analisados nesse trabalho, como Bárbara Gordon, Charles Xavier, Forge, Curtis Connors, Matt Murdock e Maya Lopez, são apresentados como pessoas bem instruídas e com habilidades excepcionais. A deficiência não impediu que o Professor Xavier concluísse sua formação acadêmica ou fundasse uma escola para mutantes, bem como não impediu Forge de conseguir um cargo no Departamento de Defesa dos Estados Unidos ou Matt Murdock de se tornar advogado e abrir sua própria firma de advocacia. Defende-se neste

trabalho que todos esses personagens poderiam se enquadrar no quadro funcional de várias empresas e tornarem-se valioso capital intelectual delas.

Argumenta-se aqui que a representação positiva das pessoas com deficiência, expressa pelos personagens com superpoderes das histórias em quadrinhos, auxilia na eliminação gradativa das barreiras atitudinais contra as pessoas com deficiência. A remoção de tais barreiras permitirá, segundo Guedes (2007), promover às pessoas com deficiência acesso à escolarização, à empregabilidade, ao lazer, à informação, à cultura e aos demais sistemas sociais. Portanto, a representação social abordada nesta pesquisa também funciona como elemento facilitador do acesso das pessoas com deficiência às organizações, através da conscientização por parte da sociedade do potencial dessas pessoas. Em outras palavras, pode-se afirmar que a conscientização da sociedade acerca do potencial das pessoas com deficiência através das histórias em quadrinhos, permite a inclusão delas nos diversos sistemas sociais, a exemplo da empregabilidade.

É perceptível que a representação social expressa pelo meio de comunicação em massa abordado nessa pesquisa não é capaz de realizar tamanha mudança na sociedade sozinha, no entanto, cada ação que elimine tais barreiras é importante.

Acredita-se que esta pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento da teoria sobre representação social de pessoas com deficiência através de textos culturais. Adicionalmente, a pesquisa contribui para a conscientização acerca da importância de se utilizar textos culturais como fonte de dados para pesquisas sobre representação social e pessoas com deficiência.

Esse trabalho limitou-se em analisar personagens das editoras DC Comics e Marvel Comics, pela grande influência que suas histórias exercem na sociedade. Falas dos personagens e situações muito específicas também não foram consideradas neste trabalho, pois seu foco caiu sobre a apresentação geral dos personagens. Por último, argumenta-se que as relações entre personagens e as organizações das histórias em quadrinhos não faz parte do escopo de pesquisa.

Dessa forma, defende-se que a presente pesquisa pode servir com ponto de partida para futuras pesquisas que transcendam as limitações aqui apresentadas e/ou utilizem outras metodologias com o mesmo foco nas representações das pessoas com deficiência em outros tipos de textos culturais, ou ainda em histórias em quadrinhos.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, jul./dez. 2001.
- ANACHE, A. A. O deficiente e o mercado de trabalho: concessão ou conquista? **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 2, n. 4, p. 119-126, out. 1996. Disponível em: <[http://www.abpee.net/homepageabpee04\\_06/artigos\\_em\\_pdf/revista4numero1pdf/r4\\_art10.pdf](http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista4numero1pdf/r4_art10.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2015.
- ARANHA, M.S.F. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, Brasília, ano XI, n. 21, p. 160-173, mar. 2001.
- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 24-34, jan./abr. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822011000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 jun. 2015.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARNES, C. A legacy of oppression: a history of disability in western culture. In: BARTON, L.; OLIVER, M. **Disability studies: past, present and future**. Leeds: The Disability Press, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Disabling imagery and the media: an exploration of the principles for media representations of disabled people**. Halifax: The British Council of Organizations of Disabled People and Ryburn Publishing, 1992.
- BONETTI, A. O corpo no processo de globalização: ideia preliminares. **Kinesis**, Santa Marina, n.19, p.107-114, jan./jun. 1998. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/kinesis/article/view/8182/4904>>. Acesso em: 19 jun. 2015.
- BUZZONI, M. R.; PEDRO, E. M. O uso de histórias em quadrinhos no esforço de guerra norte-americano durante a 2ª. Guerra Mundial. In: Anais das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos: HQ e História, 2., 2013, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: USP, 2013. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais2asjornadas/Artigo\\_Marcelo\\_Buzzoni\\_e\\_Emilio\\_Martins\\_Pedro.htm](http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais2asjornadas/Artigo_Marcelo_Buzzoni_e_Emilio_Martins_Pedro.htm)>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- CAREY, M.; LAND, G. **X-Men Legacy**. New York: Marvel Comics, v. 1, n. 235, June 2010.
- CARVALHO, S. M. C. R. **Representação social da pessoa com deficiência frente à exclusão/inclusão**. 2007. 127 f. Dissertação do Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

CARVALHO-FREITAS, M. N. **A inserção de pessoas com deficiência em empresas brasileiras – um estudo sobre as relações entre concepções de deficiência, condições de trabalho e qualidade de vida no trabalho**. 2007. 314 f. Tese do Curso de Doutorado em Administração do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CASTRO, S. F. de; ALMEIDA, M. A. Ingresso e permanência de alunos com deficiência em universidades públicas brasileiras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 2, p. 179-194, abr./jun. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382014000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382014000200003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 3 jul. 2015.

CLAREMONT, C.; LARROCA, S. **X-Treme X-Men**. New York, Marvel Comics, v. 1, n. 1, July 2001.

CLAREMONT, C.; MCLEOD, B. **Marvel Graphic Novel: The New Mutants**. New York: Marvel Comics, v. 1, n. 4. Nov. 1982

CLAREMONT, C.; ROMITA JR., J.; GREEN, D. **Uncanny X-Men**. New York: Marvel Comics, v. 1, n. 184, Aug. 1984.

DALBETO, L. C.; OLIVEIRA, A. P. Reflexos do imaginário social na representação do homossexual nas histórias em quadrinhos. **9ª Arte**, São Paulo, vol. 3, n. 1, p. 59-73, 2014. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/105/124>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

DC COMICS. **Welcome to DC Comics**. Disponível em: <<http://www.dccomics.com/>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

DEFALCO, T. *et al.* **The Marvel encyclopedia: the definitive guide to the characters of the Marvel universe**. New York: Dorling Kindersley, 2006.

DISCHINGER, M.; MACHADO, R. Desenvolvendo ações para criar espaços escolares acessíveis. **Inclusão**, Brasília, ano 2, n. 2, p. 33-39, jul. 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 4 jul. 2015.

DUVEEN, G. Introdução: o poder das idéias. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FAERBER, J.; PELLETIER, P. **The Titans: Secret Files & Origins**. New York: DC Comics, v. 1, n. 2, Oct. 2000.

FARIA, M. D. de; CASOTTI, L. M. Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiência em telenovelas brasileiras. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 21, n. 70, p. 387-404, jul./set. 2014. Disponível em: <[http://www.coppead.ufrj.br/upload/publicacoes/2014\\_FARIA\\_CASOTTI.pdf](http://www.coppead.ufrj.br/upload/publicacoes/2014_FARIA_CASOTTI.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2015.



FARIA, M. D. de; SILVA, J. F. da. Desinteresse em atender as demandas das pessoas com deficiência visual: foco nas experiências de consumo em restaurantes. In: Anais do Encontro de Marketing da ANPAD, 35., 2011, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/MKT65.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

FERNANDES, L. B.; SCHLESENER, A.; MOSQUERA, C. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba, v. 2, p. 132-144, 2011.

FOUCAULT, M. **The History of Sexuality**: vol.1: An Introduction. New York: Pantheon Books, 1978.

FRANÇA, T. H. A normalidade: uma breve introdução à história social da deficiência. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 6, n. 11, p. 105-123, jul. 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILLEN, K.; EAGLESHAM, D.; MILLA, M. **Uncanny X-Men**. New York: Marvel Comics, v. 2, n. 19, Dec. 2012.

GOETZ, E. R.; CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B. E JUSTO, A. M. Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 226-236, mai./ago. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822008000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 6 jul. 2015.

GUEDES, L. C. **Barreiras atitudinais nas instituições de ensino superior**: questão de educação e empregabilidade. 2007. 271 f. Dissertação do Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpe.br/>>. Acesso em: 3 jul. 2015.

HARRIS, L. Disabled sex and the movies. **Disability Studies Quarterly**, Chicago, v. 22, n. 4, p. 144-162, 2002.

HAWKINS, K. With great power comes great disability. **BBC News Ouch**, 24 June 2014. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/blogs-ouch-27883836>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

HIRSCHMAN, E.; STERN, B. Women as commodities: prostitution as depicted in the blue angel, pretty baby and pretty woman. **Advances in Consumer Research**, v. 21, p. 576-581, 1994.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010)>. Acesso em: 26 jun. 2015.

JARCEM, R. G. R. História das histórias em quadrinhos. **História, Imagem e Narrativas**, n. 5, p. 1-9, set. 2007. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

JIMENEZ, P.; BEATTY, S.; GREENBERGER, R.; WALLACE, D. **The DC Comics encyclopedia**: the definitive guide to the characters of the DC universe. New York: Dorling Kindersley, 2004.

LANCILLOTTI, S. S. P. A integração pelo trabalho na sociedade da exclusão. In: Anais do Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 24., 2001, Caxambú. **Anais Eletrônicos...** Caxambú: ANPED, 2001. Disponível em: <<http://24reuniao.anped.org.br/T1558604693086.DOC>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

LAYTON, B.; GUICE, J. **X-Factor**. New York: Marvel Comics, v. 1. n. 3, Apr. 1986

LENTE, F. V.; PALO, J. **Web of Spider-Man**. New York: Marvel Comics, v. 2, n. 6, May 2010.

LIMA, F. J. de; GUEDES, L. C.; GUEDES, M. C. Áudio-descrição: orientações para uma prática sem barreiras atitudinais. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v. 2, n. 2, mar./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal>>. Acesso em: 3 jul. 2015.

LIMA, F. J. de; SILVA, F. T. S. Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola. In: SOUZA, O. S. H. (Org.). **Itinerários da inclusão escolar**: múltiplos olhares, saberes e práticas. Canoas: Ed. Ulbra, 2008.

LOPES, A. J. L.; ROQUE, A. M.; CARREIRO, M. B.; BENTO, M. E. C. **As barreiras invisíveis da integração**. Lisboa: ADFA, 1995.

LUSTOSA, F. G.; SANTOS, J. A. S. A imagem das pessoas com deficiência nos selos: um retrato (mal)formado? In: VALENTE, I. M. F.; PITA, J. R. (Coord.). **História e filatelia IV**: o Brasil nos selos portugueses e brasileiros. Coimbra: CEIS20, 2012.

MACK, D.; QUESADA, J.; PALMIOTI, J. **Daredevil**. New York: Marvel Comics, v. 2, n. 1, Nov. 1998.

\_\_\_\_\_. **Daredevil**. New York: Marvel Comics, v. 2, n. 9, Dec. 1999.

\_\_\_\_\_. **Daredevil**. New York: Marvel Comics, v. 2, n. 10, Mar. 2000.

MAROUN, K.; VIEIRA, V. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008.

MARVEL COMICS. **The Official Site**. Disponível em: <<http://marvel.com/>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MATOS, M. Y. C. A normalidade estética: os modelos legitimados de corpo. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 20, p. 221-227, abr. 2004.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução de Hécio de Carvalho e Maria do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MEUNIER, M. **Nova mitologia clássica**: a legenda dourada. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 1976.

MICK, D. G. Presidential address: meaning and mattering through transformative consumer research. In: PECHMANN, C.; PRICE, P. (Ed.). **Advances in Consumer Research**, v. 33, Duluth: Association for Consumer Research, 2006. Disponível em: <<http://www.acrwebsite.org/volumes/12242/volumes/v33/NA-33>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOORE, A.; BOLLAND, B. **Batman: The Killing Joke: The Deluxe Edition**. New York: DC Comics, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NOGUEIRA, N. A. S. Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL. **História, Imagem e Narrativas**, n. 10, p. 1-14, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

OMOTE, S. Normalização, integração, inclusão. **Ponto de Vista**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 4-13, jul./dez.1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/index>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial sobre a Deficiência**. Tradução de Lexicus Serviços Linguísticos. São Paulo: SEDPcD, 2012.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos direitos das pessoas deficientes**. 1975. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec\\_def.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec_def.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2015.

PORTO, M. S. G. Mídia, segurança pública e representações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, vol. 21, n. 2, p. 211-233, nov. 2009.

REIZENSTEIN, C.; ASCHMEIER, A. **All-American Comics**. New York: DC Comics, v. 1, n. 25, Apr. 1941.

RIBAS, J. B. C. **O que são pessoas deficientes**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RIBEIRO, M. A.; CARNEIRO, R. A inclusão indesejada: as empresas brasileiras face à Lei de Cotas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 16, n. 50, p. 545-564, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v16n50/08.pdf>>. Acesso em: 28 de jun. 2015.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

ROSO, A.; STREY, M.N.; GUARESCHI, P.; E BUENO, S.M.N. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 74-94, jul./dez. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822002000200005&lng=pt&nrm=iso&userID=-2](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000200005&lng=pt&nrm=iso&userID=-2)>. Acesso em: 8 jul. 2015.

RUSSELL, C. Heroic moments: a study of comic book superheroes in real-world society. **Explorations**, Wilmington, v. 8, p. 121-131, 2013. Disponível em: <<http://uncwwweb.uncw.edu/csurf/Explorations/documents/russell.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

SANTOS, D. S. dos; GOMES, I.; FARIA, M. D. de. Representação do profissional de biblioteconomia: um estudo com textos culturais. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 12, n. 3, p. 75-95, set./dez. 2014. Disponível em: <[http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/3937/pdf\\_76](http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/3937/pdf_76)>. Acesso em: 27. Jun. 2015.

SANTOS, W. R. dos. Pessoas com deficiência: nossa maior minoria. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 501-519, set. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312008000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312008000300008)>. Acesso em: 26 jun. 2015.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANE, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SASSAKI, R. K. Como chamar as pessoas que têm deficiência? **Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados**, ano I, n. 1, p. 8-11, 2003.

SIEGEL, J.; SHUSTER, J. **Action Comics**. New York: DC Comics, v.1, n. 1, June 1938.

SIMÕES, L. H.; NOLASCO, E. C. Will Eisner: o espírito das histórias em quadrinhos. **Revista de Estudos Literários da UEMS**, Campo Grande, ano I, n. 1, p. 66-75, abr. 2010. Disponível em: <[http://www.uems.br/eventos/revell/arquivos/15\\_2011-09-16\\_23-24-34.pdf](http://www.uems.br/eventos/revell/arquivos/15_2011-09-16_23-24-34.pdf)>. Acesso em 30 jun. 2015.

SIMON, J.; KIRBY, J. **Captain America**. New York: Marvel Comics, v. 1, n. 1, Mar. 1941.

SMITH, K. *et al.* **Daredevil**. New York: Marvel Comics, v. 2, n. 1/2, June 1998.

SOUZA-SILVA, J. R. de; DIEGUES, D.; CARVALHO, S. G. de. Trabalho e deficiência: reflexões sobre as dificuldades da inclusão social. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 27-33, 2012. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Pos-Graduacao/Docs/Cadernos/Volume\\_12/Artigo\\_3\\_Trabalho\\_e\\_deficiencia\\_reflexoes\\_sobre\\_as\\_dificuldades.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Pos-Graduacao/Docs/Cadernos/Volume_12/Artigo_3_Trabalho_e_deficiencia_reflexoes_sobre_as_dificuldades.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2015.

SPINK, M. J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul./set. 1993. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 7 jul. 2015.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A; VERGUEIRO, W. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VIEGAS, A. S. A importância do corpo na sociedade grega: na vida e na morte. **Nearco**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 14-27, 2008. Disponível em: <<http://www.revistanearco.uerj.br/arquivos/numero1/completa.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

VIVARTA, V. (Coord.) **Mídia e deficiência**. Série Diversidade, v. 2. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003.

WELLS, Z.; KIRK, L. **New Mutants**. Nova York: Marvel Comics, v. 3, n. 15, Sep. 2010.

WESCHENFELDER, G. V.; COLLING, A. Histórias em quadrinhos de super-heroínas: do movimento feminista às questões de gênero. **Interthesis**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 200-218, jan./jul. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n1p200>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

WOLFMAN, M.; PÉREZ, G. **The New Teen Titans**. New York: DC Comics, v. 1, n. 7, May 1981.

\_\_\_\_\_. **Tales of the Teen Titans**. New York: DC Comics, v. 1, n. 44, July 1984.

## APENDICE A

| NOME                                           | EDITORA | STATUS                                           | COMO ADQUIRIU A DEFICIÊNCIA                                                                                                                  | OCUPAÇÃO                                                 | PODERES E HABILIDADES                                                                                                                                                              |
|------------------------------------------------|---------|--------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Toupeira/<br>Harvey Rupert<br>Elder            | Marvel  | Vilão                                            | Ficou parcialmente cego em um acidente dentro de uma caverna.                                                                                | Governante de um reino subterrâneo.                      | Possui audição, paladar e tato muito apurados, uma espécie de radar natural e longevidade elevada. Também é considerado um gênio com super força e um formidável lutador.          |
| Professor Xavier/<br>Charles Francis<br>Xavier | Marvel  | Herói                                            | Ficou paraplégico em uma luta contra um alienígena chamado Lúcifer, que esmagou suas pernas com uma rocha.                                   | Geneticista, professor e ex-soldado.                     | Possui poderosos poderes telepáticos, que permitem que ele leia mentes e projete seus pensamentos nelas, além de poder controlar as pessoas.                                       |
| Nicholas Joseph<br>"Nick" Fury                 | Marvel  | Herói                                            | Ficou cego de um olho em decorrência da explosão de uma granada durante a Segunda Guerra Mundial.                                            | Diretor de uma agência de contraespionagem e ex-soldado. | Envelhece muito lentamente, mantendo a aparência e a vitalidade de alguém muito mais jovem, além de ser um exímio lutador e especialista em vários veículos.                       |
| Lagarto/<br>Curtis Connors                     | Marvel  | Como Lagarto:<br>vilão/ Como<br>Curtis: herói    | Perdeu o braço devido a uma explosão durante uma guerra.                                                                                     | Médico e cientista.                                      | Possui força sobre-humana e super agilidade, velocidade e reflexos. Também possui grande capacidade de regeneração.                                                                |
| Demolidor/<br>Matthew Michael<br>Murdock       | Marvel  | Herói                                            | Ao salvar um homem de um acidente envolvendo um caminhão, ele foi atingido pelo material radioativo que o veículo transportava e ficou cego. | Advogado e justiceiro.                                   | Possui apuradíssimo tato, olfato, paladar e audição, além de uma espécie de radar. Também é um exímio lutador.                                                                     |
| Mercedez "Misty"<br>Knight                     | Marvel  | Heroína                                          | Perdeu o braço direito ao tentar desarmar uma bomba em um atentado terrorista.                                                               | Detetive particular e policial aposentada.               | Possui força sobre-humana em seu braço direito, além de que ela é uma excepcional atiradora, detetive e lutadora.                                                                  |
| Mortalha/<br>Maximillian Quincy<br>Coleridge   | Marvel  | Herói                                            | Ficou cego ao ter os olhos marcados por um ferro em brasa, em decorrência de um ritual.                                                      | Justiceiro.                                              | Possui percepção extra-sensorial mística, capaz de fazê-lo "enxergar" através da escuridão total e até de paredes; capacidade de invocar sombras; e avançadas habilidades de luta. |
| Karma/<br>Xi'an Coy Manh                       | Marvel  | Heroína                                          | Perdeu a perna esquerda numa batalha.                                                                                                        | Professora do Instituto Xavier.                          | Possui a habilidade de controlar a mente de vários indivíduos simultaneamente.                                                                                                     |
| Sina/<br>Irene Adler                           | Marvel  | Inicialmente vilã/<br>Posteriormente:<br>heroína | Ficou cega em decorrência da manifestação de seus poderes.                                                                                   | Ativista, terrorista, advinha e agente do governo.       | Possui a habilidade de prever situações futuras alternativas, interpretando-as de acordo com a probabilidade de acerto de cada uma.                                                |

|                                            |        |                                               |                                                                                    |                                          |                                                                                                                                                |
|--------------------------------------------|--------|-----------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Forge                                      | Marvel | Herói                                         | Perdeu a mão e a perna direita num bombardeio, durante uma guerra.                 | Inventor e soldado aposentado.           | Pode criar intuitivamente quase qualquer aparelho imaginável usando suas habilidades mutantes. Também possui grande aptidão para magia.        |
| Arthur "Artie" Maddicks                    | Marvel | Herói                                         | A deficiência surgiu na infância, quando seus poderes se manifestaram.             | Estudante.                               | Possui a habilidade de projetar imagens e se conectar telepaticamente.                                                                         |
| Eco/<br>Maya Lopez                         | Marvel | Heroína                                       | Nasceu surda.                                                                      | Artista performática.                    | Pode copiar qualquer movimento corporal que ela ver, desde uma dança até um estilo de luta.                                                    |
| Soldado Invernal/<br>James Buchanan Barnes | Marvel | Inicialmente: vilão/<br>Posteriormente: herói | Perdeu o braço em uma explosão durante a Segunda Guerra Mundial.                   | Soldado.                                 | Possui um braço biónico que lhe garante força sobre-humana, excelente condicionamento físico e habilidade de luta e é um atirador excepcional. |
| Olhos Vendados/<br>Ruth Aldine             | Marvel | Heroína                                       | Nasceu sem os olhos.                                                               | Estudante.                               | Possui poderes telepáticos e capacidade de prever o futuro.                                                                                    |
| Doutor Meia-Noite/<br>Charles McNider      | DC     | Herói                                         | Perdeu a visão em decorrência da explosão de uma granada lançada por um criminoso. | Médico, escritor e justiceiro.           | Possui a capacidade de enxergar perfeitamente na completa escuridão.                                                                           |
| Ciborgue/<br>Victor Stone                  | DC     | Herói                                         | Perdeu várias partes do corpo ao seu ataque por uma criatura extradimensional.     | Super-herói e ex-atleta.                 | Possui super força e inteligência, arsenal instantâneo e resistência.                                                                          |
| Oráculo/<br>Barbara Gordon                 | DC     | Heroína                                       | Perdeu a capacidade de andar ao levar um tiro do Coringa na coluna.                | Bibliotecária, justiceira e informante.  | É uma super hacker e especialista em colher informações.                                                                                       |
| Exterminador/<br>Slade Wilson              | DC     | Vilão                                         | Sua esposa lhe deu um tiro no olho direito, cegando-o.                             | Oficial militar aposentado e mercenário. | Possui velocidade, força, resistência e inteligência sobre-humana.                                                                             |
| Cable/<br>Nathan Summers                   | Marvel | Herói                                         | Teve parte do hemisfério direito do corpo e da cabeça consumido por um vírus.      | Ex-agente do governo.                    | Possui poderes telepáticos, telecinéticos e super força.                                                                                       |
| Capitão Marvel Jr./<br>Freddy Freeman      | DC     | Herói                                         | Foi atacado pelo Capitão Nazista e passou a andar de forma irregular.              | Estudante.                               | Possui a sabedoria de Salomão, a força de Hércules, o vigor de Atlas, o poder de Zeus, a coragem de Aquiles e a velocidade de Mercúrio.        |